FLORILÉGIOS ESPIRITUAIS

DIVALDO P. FRANCO

FLORILÉGIOS ESPIRITUAIS

Ditado peio Espírito

Francisco do Monte Alverne

SÚMULA

Esclarecimentos 11
Os herdeiros da cruz 15
Panegírico do fogo do amor 23
A alegria perfeita 27
Panegírico da vida 31
Coerência da fé 37
Panegírico da fé* 41
Os problemas do mundo e do homem 45
Panegírico da dedicação 49
A morte em face da vida 55
O homem espiritual 59
Panegírico da sobrevivência à morte 63
Inferno e céu 67
Licenças perniciosas 75
Infortúnios e infortúnios 81
Chamados e escolhidos 85
Panegírico do conhecimento 91
Os antípodas: orgulho e humildade . 95
Nascer de novo 101
Comentários sobre a presunção 107
Sacrifícios 111
Considerando o matrimônio 117
Panegírico da caridade 121
Solução cristã 127
Panegírico da juventude 133
Exortação de amor --- 137

ESCLARECIMENTOS

A morte, longe de ser a "cessação da vida", desvela, em plenitude, realidades inimaginadas pelas mais argutas concepções humanas.

Paisagens exuberantes, multidões pulsantes e engenhos surpreendentes, movimento, som e cor, certamente que noutra dimensão vibratória, aguardam o viajante carnal após a jornada física, oferecendo-lhe mais completa visão e compreensão da realidade.

Invisível ao estado material, não implica inexistente, o que inspirou Anaxágoras a formular o conceito: 'Tudo o que vemos é a materialização do invisível", deixando, em transparência, entender que o último é o real por ser preexistente...

Seria, então, melhor, o verbete desencarnar, adotado por Allan Kardec, no moderno Espiritualismo ou simplesmente, ho Espiritismo.

Não se surpreendam os nossos leitores com a adoção, de nossa parte, em toda esta Obra, da terminologia espírita, que nos pareceu mais consentânea, mais própria para exteriorizarmos o nosso pensamento.

Ocorre que, não havendo morte e sim abandono da carne através do fenômeno da interrupção da vida orgânica, fomos convidado a um reexame de comportamento mental em torno da religião e da Vida em si mesma.

Não travamos Gonhecimento direto com as Obras espíritas, enquanto no corpo somático, já que retornamos, quando "O Livro dos Espíritos" estava sendo divulgado em França ([1]). Todavia, após o despertar, recuperando os dons preciosos da visão e do discernimento, tomamos conhecimento da Nova Revelação que se espraiava na Terra, dando cumprimento à promessa de Jesus sobre o Consolador.

Quanto de emoção e júbilo inundaram-nos o ser, difícil é descrevê-lo!

Amante do Evangelho e cultor das páginas do Velho Testamento, abeberamo-nos das fontes inexauríveis das informações revolucionárias, permitindo embriagar- nos de esperanças e ações renovadoras com que nos pudéssemos incorporar à legião dos obreiros anônimos e infatigáveis, na tarefa da restauração da fé.

Sem abdicar dos conhecimentos com que a Igreja Romana nos norteara os passos, e à qual devemos os instantes mais felizes da vida física, adicionamos, aos informes que possuíamos, a luz esfuziante da razão, renovando os conceitos em torno da imortalidade e da comunicabilidade da alma, da justiça divina, do céu e do inferno, da eucaristia, do sacrifício da missa, como de outras colocações teológicas ora confrontadas com os fatos que, *de visu,* podíamos melhor e mais profundamente compreender. Isto não implica esquecimento da dívida de gratidão para com a Fé que nos dulcificou a alma, guíando-a para o Bem, embora as

[1] (*) Frei Francisco do Monte Alverne desencarnou cego no dia **2** de dezembro de **1857**. — Nota da Editora.

prerrogativas que se atribuíam à Religião e das quais buscamos, quanto pudemos, ser um ardoroso defensor e divulgador afervorado.

Abordando temas sob angulaçãò mais feliz do que antes fizéramos, muitos críticos sinceros irão tentar fazer paralelos de estilo procurando o orador do passado, cuja vaidade intelectual desapareceu com as cinzas do corpo. ..

Abandonados os períodos frequentes e as constantes citações em Latim, buscando a fraseologia simples, sem qualquer presunção sacra, Espírito que se descobre a si mesmo, iniciando experiências dantes não vividas, objetivamos alertar e, se possível, instruir pessoas desa- tentas ou ignorantes dos problemas espirituais.

Outros críticos, os que se comprazem em acionar os camartelos da destruição, sempre armados para a agressão ácida e a censura perniciosa, encontrarão bons argumentos para os seus tentames e atuações, não fugindo, eles mesmos, que se acreditam "donos da verdade" à sua "hora da verdade", já que a *morte* a ninguém poupa. De suipresa em surpresa, mudarão de comportamento e verificarão quanto foram vãs e inglórias as empresas negativas a que se entregaram.

A *indigestão* peia cultura, que se não diluiu prodigamente em atos de beneficência e amor, de libertação de consciências e fraternidade, é tão propiciadora de desditas quanto a falta das letras e do humano saber.

O Espírito são os seus valiosos empreendimentos de amor e solidariedade fraternal, com cujo patrimônio ganha altura e paz.

Estas páginas foram elaboradas ao largo de quase três anos, quanto nos permitiram os labores imediatos *cá* abraçados.

Não trazem qualquer vislumbre de presunção literária nem de exibição de talentos.

Destituídas de novidades reais, são contributos que se adicionam aos valiosos esforços dos nobres Benfeitores Espirituais encarregados de clarificar e conduzir o homem moderno ao fanal imortalista.

São *florilégios espirituais* da alma renovada pela fé racional, abrasadora, que impulsiona para a frente e liberta de qualquer coação ou algema.

Esperamos que possam despertar alguém hibernado na indiferença ou sensibilizar alguma alma interessada em seguir o *rio da vida* que ruma na direção do delta da plenitude espiritual.

Dar-nos-emos por feliz, se lograrmos ser lido e meditado.

Rogamos ao Dispensador de Bênçãos que a todos nos inspire e ampare, nas elevadas tentativas de crescer e evolver pelos rumos da perfeição.

Francisco do Monte Alverne

Salvador, 31 de julho de 1980.

Os herdeiros da cruz

Os teorizantes do materialismo dialético asseveram que "a religião é um anestésico pata a alma" dos povos angustiados sob as injunções sócio-econômicas que os escravizam. Os psicanalistas menos atentos ao processo histórico-religioso das comunidades afirmam que a "crença na imortalidade da alma resulta de um mecanismo de transferência do subconsciente, mediante evasão da realidade constringente dos fatores psicológicos que aturdem a personalidade humana". Estudiosos de outras gamas da psique insistem em que a crença religiosa na vida espiritual é um "passadismo" ultramontano perfeitamente dispensável, no contexto da civilização hodierna.

Instam uns, que o homem, por necessidade masoquista, aferra-se à religião para sofrer, realizando-se inconscientemente, em face dos fracassos que lhe constituem o desafio da vida tecnológica da atualidade. Outros confirmam que os religiosos são "personalidades psicopa- tas", que transferem das suas frustrações os planos de vitória impossível, ante a irrealização do mundo social, projetando uma vida fictícia, no plano do espírito, portanto, ilusória.

Estão equivocados os que assim pensam, os que assim se comportam pelo próprio fenômeno da historiografia sociológica e antropológica da personalidade humana.

Nos bosquejos que se façam do processo da evolução religiosa, ver-se-á o homem primitivo aterrado ante as forças ciclópicas e desconectadas da Natureza, realizando um culto às realidades vivas que o atemorizam. Depois, no curso de sua evolução, ele transfere para as manifestações viventes vegetais e animais a sua adoração, passando, logo após, a uma concepção de natureza metafísica, em torno da indestrutibilidade do ser espiritual que, indubitavelmente, não hauriu na herança psico-socio- lógica da vida, na Terra.

Foi antes a revelação dos mortos que lhe forneceu a intuição da vida espiritual, graças à ausência atávica de qualquer hereditariedade de natureza psicológica.

Desde então, até à atualidade cibernética dos nossos dias, o homem vem abandonando as formas e crenças exteriores para atingir as convicções de ordem psíquica, parapsicológica e transcendental.

No fim do século XIX, os tecnicistas e os futuros tecnólogos bradavam diante da filosofia que se tornava materialista, por uma religião sem dogmas: Dêem-nos uma religião sem dogmas" —, pediam aflitos.

Solicitavam os pesquisadores da ciência uma religião científica que pudesse resistir a todo tipo de suspeita racional e, suportando o bisturi que lhe penetrasse as entranhas e o cerne, comprovasse as suas realidades legítimas fora do campo da fé de natureza ancestral.

Surgiu o Espiritismo, que se fundamenta na observância dos fatos, na experiência de laboratório e os filósofos, de um lado, bradavam pela necessidade

de se criarem escolas de indagação e de sofisma, a fim de que a doutrina nova possa contrapor-se e argumentação que seja elaborada, enquanto os cientistas pedem mais fatos, fatos que provem os fatos observados, estabelecendo uma cadeia de natureza matemática capaz de afirmar, pela repetibili- dade, essa realidade de natureza paraf ísica, e todos se olvidam dos fenômenos comezinhos que são obrigados a sentir e a viver, no cotidiano da sua existência.

Os que ainda não atravessaram a porta da morte aceitam sem discussão a inevitabilidade do fenômeno da própria morte.

Todos somos criaturas constrangidas a uma fé natural, pela necessidade do envoltório camal que nos impõe a aceitação de mil questões sem exame nem comprovação, já que nem tudo aquilo em que dizemos crer foi necessariamente observado e estudado por nós.

Apesar dos que apregoam que a fé religiosa e a crença na vida futura são formas passadistas, denotando perturbações de natureza psicológica do homem, façamos, embora ligeiramente, um retrospecto histórico de alguns ideais que vitalizaram a Humanidade, eçonstatare- mos que os líderes, os heróis, os ases, os campeões, os cientistas e filósofos de todos os tempos foram, inevitavelmente, homens que amaram a dor sem qualquer masoquismo. Não se pode vitalizar um ideal sem a participação do sofrimento. Nos ideais não há lugar para os tíbios, para os pusilânimes, para os ligeiros, nem para os precipitados, porquanto estes não se fixam nas ideias verdadeiras, nem se firmam nas defesas dos seus postulados superiores.

Sem recuarmos à história da antiguidade oriental ou das idades anteriores observemos, por exemplo: Cam- panela foi encarcerado por falar sobre o movimento da Terra e Kepler por interessar-se pela astronomia.

Nicolau Copérnico, ao apresentar o seu livro "De Revolútionibus Orbium Coelestium", em 1543, em que provava a realidade do sistema heliocêntrico, viu, logo após, a sua obra ser destruída e a sua própria vida aniquilada.

Galiieu Galilei experimentou o opróbrio da prisão humilhante, por não subalternizar os seus ideais aos impositivos dogmáticos da época.

Newton viu as labaredas da fogueira crepitarem perto dos seus olhos, quando uma acusação de feitiçaria pesou sobre a sua genitora; não obstante, porfiou teorizando sobre a gravitação universal responsável pelo equilíbrio dos astros e galáxias...

Antes deles, Sócrates dera a sua vida por postular em filosofia e em ética moral.

Ohm, por pouco não se suicidou em face das perseguições sofridas, que o taxavam como louco.

Bernardo Palissy, dando prosseguimento aos seus inventos, pai da cerâmica moderna, queimou até os móveis do próprio lar. Foi levado à Bastilha, onde morreu, sob a denúncia de huguenote...

Fulton não desistiu dos seus descobrimentos nem mesmo quando lhe afundaram o barco nas águas do Sena.

A história da ciência médica está assinalada pelo martirológio quanto pela nobreza dos seus verdadeiros ases.

Não há muito tempo, há pouco mais de um século, Ernesto Semelweiss deu sua própria vida para defender as parturientes da infecção puerperal, quando ele mesmo se tornou vítima da insidiosa enfermidade, graças à contaminação por uma ferida que trazia aberta no dedo, ao realizar experiências de anatomia patológica num cadáver.

Muitos dos perseguidores dos vírus e das baciloses ofereceram a existência em holocausto da Medicina e da saúde humana.

Desde Galeno até Richet, de Hansen a Fleming, de Kock a Sabin, há um desfile de apóstolos que, mesmo sofrendo, não desistiram de perseverar nos seus ideais. Somente poucos artistas tiveram a honra e a glória de ver o seu gênio reconhecido no campo da música, da pintura, da escultura...

Recordemo-nos dos tormentos de Schummann, das angústias de Wagner, das inquietações de Debussy e de todos aqueles que, como Handell, não lograram a felicidade de ter a genialidade sequer aceita, sendo constrangidos praticamente a vender a alma, a fim de traduzirem as harmonias do céu para a musicalidade e a beleza terrestres.

Por que, de referência aos ideais religiosos, se há de afirmar que todo aquele que oferece a existência em sacrifício da convicção da imortalidade, é um portador de desvio da personalidade? No campo das investigações do conhecimento e da ciência« a vitalização do ideal não é um testemunho eloquente da força e da vitalidade daqueles que se entregam ao desiderato das tarefas? No sentido da fé religiosa não se podem esperar gozos na Terra, desde que ela afirma a vida futura e não a presente, já que os gozos verdadeiros estão reservados para o porvir espiritual do homem e não para a atualidade.

O Cristianismo, na sua essência primitiva, é de natureza pessimista. Jesus é os primeiros apóstolos negam o mundo terreno para afirmarem o mundo espiritual. A Igreja, através dos séculos, na sua aliança com os poderes temporais, negava a vida terrena erguendo tronos às posições da governança transitória e estabelecendo para os seus potentados momentos de glorificação, em frisante negação do mundo espiritual, que afirmava existir.

0 Espiritismo, por sua vez, que ressuscita em profundidade o pensamento ético do Cristo, embora a sua conotação otimista da vida, nega o mundo do ponto de vista do prazer, da paixão dissolvente, do gozo demorado como razões fundamentais da vida, porque tudo na Terra é, obviamente, transitório.

A saúde de agora é enfermidade de logo mais; a doença de hoje é um desafio para amanhã; a juventude deste instante é a velhice do futuro; a velhice deste momento é a libertação espiritual que pronto advirá. Vive- se no corpo uma vida

relativa, em trânsito para a espiritual.

Considérando a história da Terra, do ponto de vista ético, constata-se que as condições de salubridade, de higiene, transformaram-na de mundo de provas em de provações, a largos passos para um mundo regenerativo. O homem fruirá, na Terra mesma, as excelências dos céus de amanhã. A sua estrutura se modifica, à medida que 'os inventos e descobrimentos são aplicados a benefício da. sua população e é natural que um dia chegará, em que, destituída dos fatores que impõem o progresso do homem pelo sofrimento, pelas enfermidades, pelas aflições, pelas sombras e através da morte, o Planeta se converterá em mundo de delícias, departamento de glórias da Casa Celestial.

Os herdeiros da cruz, os discípulos do crucificado, não se podem apartar dos "filhos e filhas do calvário", que são a massa dos sofredores que jornadeiam ainda em aturdimento. Não têm o direito de esperar os prazeres demorados, nem as vitórias com os seus laureis que passam, nem tampouco as coroas de glórias que um dia pesam sobre as cabeças envelhecidas dos reis e tombam, tornando-se peças de museu...

A doutrina da imortalidade da alma vem conclamar todos para que pensem, não através de um proces-
so de transferência de frustrações, antes por uma necessidade ética de evolução e de afirmação da vida, nas excelências do mundo espiritual, preparando no corpo físico o momento da libertação plena, qual semente que se intumesce na intimidade do solo para atingir o dia da in- florescência e da frutificação em árvore do futuro.

Sois os herdeiros da cruz do Cristo!

Tende tento e não vos deixeis engolfar pelas frivolidades que agradam e passam, deixando amarguras e ressaibos de desesperações. Cultivai a alegria de vtòer, não a algazarra perturbadora que obnubila o discernimento da razão.

Vivei a vida, em toda a sua extensão, porém recordai-vos de que a necessidade de vivê-la na sua grandiosidade profunda, tem a sua realização no vivê-la, em espírito, porquanto somente em espírito vale e pode ser vivida integralmente.

A fé religiosa dar-vos-á, ao lado da certeza da continuidade da vida espiritual, as razões mesmas para a vossa vida terrena com edificação e com equilíbrio, a fim de que a felicidade em vós não seja uma vã palavra e sim um estado de plenitude que suporte todas e quaisquer expressões das vicissitudes humanas como se apresentem.

Panegírico do fogo do amor

O fogo e o amor!...

O fogo do amor e o amor em fogo!...

Na gênese de ambos, aparentemente contraditórios e antípodas, a mesma

característica.

O fogo devasta, destrói, atemoriza.

O amor edifica, produz e dulcifica — apaziguando.

No entanto, têm um ponto significativo em comum: ardem enquanto há combustível.

A chama crepita conforme a sustenta o adustível e o amor arde enquanto permanece um hálito de vida.

O fogo do amor integral tem sido responsável pela realização da obra de engrandecimento do homem e da sociedade, ao mesmo tempo que produz os mártires e ergue os santos pelo sacrifício a que se entregam com total abnegação.

Nenhum movimento de elevação da criatura e do progresso da humanidade se tornou possível sem que os seus ases e campeões não fossem abrasados pelo fogo do amor aos ideais que sustentavam.

Desfilam pela História os grandes escravos do amor, que viveram em função mesma do amor, sustentados pela chama viva do amor que doavam e de que se nutriam.

Dentre outros. Catarina de Siena não se recusou, por amor, a ficar com um prisioneiro que ia morrer, se* gurando-lhe a cabeça e conclamando-o ao amor ao próximo, a Deus e ao arrependimento, em dias de preconceito e ignorância impiedosos.. .

Teresa de Ávila, frágil e enferma, incendiada pelo amor, vivia para morrer e morria a cada dia porque não morria, tal a intensidade do sentimento que-nutria por Jesus e, em consequência, pelas suas irmãs, pelos sofredores em geral.

Damião de Veuster incendeia-se de amor e doa a vida aos hansenianos, numa ilha perdida — Molokai — nas águas agitadas do Pacífico.

Madalena Ofélia Barat, cancerosa, tuberculosa, de olhos inflamados, com um problema de nervo, desde muito jovem, vive em função do amor, morrendo cada hora, a todo instante renascendo para que o fogo do amor não se apagasse na Terra. Chegando aos oitenta e cinco anos de idade, prosseguia sustentando milhares de irmãs, nos três Continentes, dedicadas à educação infantil, convidando ao amor e cantando-lhe a glória.

Florência Nightingale, a célebre enfermeira inglesa, por amor aos seus pacientes luta tenazmente contra a ignorância e dá início com outros à obra de assistência aos enfermos, precedendo à Cruz Vermelha Internacional, que se tornou um hino de amor nos campos de batalha ou onde haja fome, miséria, enfermidade e dor...

Edith Cavei, avançando para o pelotão de fuzilamento, condenada pelo *crime* de salvar vidas, não necessariamente alemãs, crepitando de amor pelos algozes, lecionou a vitória do dever sobre a prepotência.

Desfilam, incontáveis, desde ontem e hoje, os vexilários do amor sem receio, em intérmina batalha por modificarem as estruturas do mundo, ainda, arcaicas e

egoístas, calcadas nos interesses inconfessáveis, sem temerem nem se precipitarem em paixões dissolventes, desbordadas pela volúpia das loucuras gerais...

São eles, os discípulos do Cristo Vivo, que hauriram na fonte do Seu imensurável amor a substância mantenedora que os sustenta.

Continuadores do apostolado de João, o discípulo amado, que, em idade provecta, sintetizava toda a mensagem do Evangelho no amor e não se cansava de convocar ao amor.

Só o fogo do amor se contrapõe e suplanta o gelo da indiferença, ao mesmo tempo iluminando a noite tenebrosa das borrascas produzidas pelo ódio, pela deterioração dos valores humanos.

Tudo passa, menos o amor, que nunca cessa.

Os exércitos poderosos deixam rastros de sangue e destroços; por onde passam as dominações arbitrárias degradam na destruição que promovem; as aquisições da força se despedaçam na voragem do tempo e a morte a tudo e a todos toma num sopro de realidade, que modifica, a cada período, a face da Terra e das Civilizações.

Menos o amor, que é invencível, porque flui do Divino pensamento que é, em síntese, o Absoluto Amor.

Quando passa o estridular das lutas das paixões inferiores, devastando e corrompendo, as mãos do amor chegam de mansinho e, com o fogo de que se constituem, refundem os metais, liquefazem as substâncias e refazem a paisagem, renovando com a esperança e a alegria o campo ermo, desolado e vencido...

O amor recebe da Providência, cada dia como se fosse o primeiro, com alegria infantil, e o utiliza como se fosse o último, com a sabedoria do ancião experiente.

Não posterga, embora nunca se precipite.

Francisco de Assis incendeia-se de amor e arde em pleno século XII, clareando o mundo e provando a felicidade de ser o archote vivo de Jesus Cristo.

Clara, segue-O e alarga o incêndio desse amor sublime, ateando-o nos corações femininos.

Vicente de Paulo descobre a insignificância e o frio da nobreza terrena, permitindo-se queimar nas brasas do amor e salpica os céus sombrios da História com as estrelas da caridade.

Sua luz aquece Luiza de Marillac cujas mãos, ardendo no amor, se convertem em pontes de socorro, nos abismos da miséria social, econômica e moral da Humanidade.

... A caravana do amor prossegue em fogo pelo mundo, que há de queimar as impurezas e imperfeições predominantes, num incêndio de inevitável renovação, para implantar o bem triunfante e definitivo.

Viver esse amor e arder com o combustível da fé, é o grande desafio que se apresenta ao homem moderno.

A loucura em larga escala e a depressão em volume insuportável; a insatisfação em descontrole e a ganância em devastação; as resistências morais em níveis insustentáveis preparam os fatores e condições propiciatórios para que lavre o grande incêndio deflagrado pelo fogo do amor, em atendimento ao mandamento maior: "Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo", num prelúdio de venturas e num prelibar de paz que sucederá à grande e sublime aventura do amor.

A alegria perfeita

Perguntais em que consiste a perfeita alegria.

Iniciai um inquérito entre amigos e verificareis a variedade dos conceitos válidos, a respeito da alegria perfeita, de acordo com as diferentes criaturas, nos seus múltiplos estágios de evolução.

Os hedonistas dirão que a perfeita alegria consiste nq prazer; os adeptos do cinismo asseverarão que a perfeita alegria resulta do desdém que se dá às leis da sociedade e aos regulamentos humanos; os utilitaristas afirmarão com galhardia que somente na luta pelos interesses pessoais se pode encontrar a perfeita alegria.

Para os onzenários, ela é. o acumular das moedas e notas fiduciárias; para o licencioso, apresenta-se na urdidura das paixões e na variedade incessante das sensações que abastardam a personalidade; para o glutão, decorre do abarrotar do estômago pelo satisfazer da gula; para o sensualista, expressa-se mediante a exaustão dos sentidos, em decorrência do abuso da sensualidade...

E multiplica-se a escala dos valores em tomo da alegria perfeita.

O esteta vê, na beleza, a alegria perfeita; o artista encontra, na estesia, a alegria perfeita; o observador de profundidade, descobre, na empatià, a alegria perfeita; o místico, no mergulho ao mundo interior, sente a alegria perfeita, qual um pescador de pérolas, no abismo das águas, encontrando a gema preciosa.

Então, no monte Pispir, a meditar, recusando-se a conviver com os homens, dizia que a alegria perfeita era a fuga do mundo para uma plena integração com Deus.

Francisco de Assis afirmava que ela consistia no sofrimento total, no desprezo que se recebe dos homens, na calúnia e na bofetada do desdém que se padece, na execução gratuita e nas dores simultâneas, nos rigores climatéricos e, ao mesmo tempo, nas necessidades da fome, da sede, da agonia interior. Tudo somado, eis a alegria perfeita!

Domingos, o místico espanhol, asseverava que a alegria perfeita era possível de ser encontrada no meditar sobre velhos pergaminhos, interpretando os enigmas da Teologia.

Antônio de Pádua, fascinado pelo ardor francisca- no, dizia que a alegria perfeita estava no ardor da pregação, que o incendiava, arrebatando-o até ao "terceiro céu".

João da Cruz, também místico espanhol, no desprezo absoluto que devotava ao corpo, cingia-se de úlceras e de piolhos, para dizer que a alegria perfeita decorria do esmagar da matéria para a vivência integral do Cristo.

A alegria se extravasava em Te.resa de Ávila, quando na perfeita integração do amor com o noivo divino, através dos sofrimentos da sua alma de abnegada servidora do bem.

A alegria perfeita, nos dias atuais, é consequência do estado interior de paz em cada criatura, de uma pobreza digna, na base do equilíbrio emocional e de uma consciência tranquila.

O homem moderno, à semelhança dos seus avoen- gos de épocas mui recuadas, esclarece que luta pela alegria perfeita, à qual gostaria de dar uma elasticidade tal que se fizesse um estado permanente de emoção. Claro que esta alegria perfeita jamais será lobrigada, na Terra, desde que essa plenitude é o coroamento da justiça do céu para o espírito depois de liberto do corpo somático. O homem, não obstante, pode gozar de um estado de alegria perfeita, quando ama, quando serve, quando se sacrifica, quando cumpre o dever...

O Evangelho de Jesus é uma cornucópia de alegrias perfeitas: a renúncia ao bem-estar, para propiciar bem-estar a outrem; a abnegação, que constitui um. sacrifício a favor de alguém; o devotamento fraterno, lutando contra as intempéries, para socorrer o seu próximo; a oração, no recolhimento do sqntuário interior; a vigilância no bem. Todos esses fatores a propiciam, todavia, é a caridade, que não se mensura pelas medidas da Terra, que enseja ao homem a alegria perfeita, porquanto, para lograr a caridade, no seu sentido profundo, é necessário amar com destemor, mantendo no mundo íntimo a lâmpada sublime da fé que o alenta e o vigora. Se a caridade pudesse dispensar a fé religiosa, seria convertida numa filantropia, já não seria caridade; se fosse realizada sem a presença e a substância do amor, tornar-se- ia outra forma de humanitarismo, não mais significando caridade.

A caridade se arrima no sacrifício pessoal e somente alguém se pode sacrificar quando ama com esperança. A esperança é uma contingência natural, uma decorrência imediata da fé. A caridade, em si mesma, é a luz da vida clarificando de estrelas o céu em sombras do coração necessitado, que chega es fortunas do amor.

Dizei que a alegria perfeita é encontrada na religião do Cristo, na sua expressão primitiva, e vivei na renovação dos postulados cristãos-espiritistas esta caridade plena, sem jaça, sem mágoa, sem melancolia, porque a tristeza é antípoda aos fatores da fé, que propicia a caridade perfeita.

Jesus, na cruz, Jesus, na manjedoura, Jesus, na barca, que ameaçava soçobrar,

Jesus, na entrada gloriosa de Jerusalém, viveu a alegria perfeita em estados diferentes, em circunstâncias outras, porque se encontrava em total integração do seu devotamento à humanidade por um amor completo e em sintonia com Deus.

A alegria perfeita é, pois, e consequentemente, a vivência de acordo com os nobres ideais de santificação da criatura humana, hauridos no Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, em cuja trilha os que foram chamados devem disputar a primazia de serem escolhidos, num estado já de alegria plena.

Panegírico da vida

A louçania, a jovialidade, as carnes moças e a harmonia das formas, o encanto juvenil e a graciosidade dos gestos, a par da alegria e das ambições dos fugazes prazeres, tudo isto constitui e compõe a moldura das ilusões terrenas, que buscam, nos valores da transitoriedade física, títulos, notas fiduciárias, moedas e questiúnculas para a realização da existência, sem dar-se conta o homem de que a porta do túmulo, que em breve se abrirá para os tesouros físicos, põe termo a essa luta, em merencória quão fugaz realidade, dando início a outra de natureza transcendental.. .

Pelos ouropeis e através dos jogos dos interesses imediatos batalha-se, afanosamente, duela-se em fúria selvagem, estratagemas maléficos são urdidos e tramas inditosas se estabelecem para a posse com que muitos seres configuram a vida, qual se fosse a meta almejada pelas angustiadas multidões.. .

Se da Terra se pudessem transferir os valores físicos e amoedados; se do jogo das lições crueis se facultassem transladar os louros e as vitórias; se dos lúbricos excessos se permitissem enviar os ressumares das sensações para a pujante estância espiritual, nem assim valeriam as sofreguidões nem as apaixonadas batalhas nas quais se entredevoram as criaturas, amesquinhando-se e lancinando-se, porque os lucros conseguidos mediante a loucura tornam-se utopias, que se convertem em labaredas a queimarem e requeimarem a consciência, ao império das chamas do remorso e da perturbação a que se escravizam os aficionados das vanglórias.

A vida dispõe do milagre dos estágios no corpo e fora dele, facultando conquistas que se não podem desprezar nem arremeter na direção do desperdício, do abandono ou da indiferença.

Sem o hálito espiritual que movimenta a matéria, em corporificação carnal, tudo se reduziria a automatismos vegetativos, sem a presença do instinto nem a vigência da razão.

O Espírito é a vida, em si mesma, animando a forma em que jornadeia, para adquirir conquistas e aprimorar aptidões a benefício do futuro pessoal de cada qual.

A morte, em consequência, é o desalgemar da vitalidade espiritual, que

readquire a sua individualidade num somatório de conquistas e de aquisições que se transformam em bússola e porto, força e timão para o viajante da Eternidade.. .

Nunca se deve iludir o homem com o viço e a juventude física, o poder e a fortuna, a saúde e] a alegria, porquanto, passam, ao impositivo da sucessão inexorável do tempa.

C O ponteiro do relógio volve à marca anterior e repete essa façanha infinitas vezes, não porém retornam o tempo nem as oportunidades...

Reflexionar com sabedoria em torno das lídimas realidades, as do Espírito, é programa com regime de urgência que não se pode postergar, já que, ao fazê-lo, talvez não se lhe logre a execução.

Quando Francisco de Borja, Vice-rei da Catalunha, foi destacado por Carlos V, em 1539, para acompanhar o cadáver da rainha Isabel de volta e Espanha, o jovem, de vinte e nove anos, deixou-se tomar de horror, ao contemplar a mulher que houvera sido considerada uma das mais belas do mundo e que ali se deformava e apodrecia a olhos vistos, com rapidez.

Impressionado, o moço que combatera com deste- mor em África ao lado do Rei, prometeu-se que, se algum dia lhe adviesse a viuvez, dedicar-se-ia à vida espiritual, já que o corpo não passa de uma transitória configuração, destinado a uma finalidade superior.

Anos depois, como lhe viesse a desaparecer a esposa, ele entregou-se ao estudo e à vida religiosa, fomentando o amor e a iluminação das consciências, preparando os homens e a si mesmo para a vida verdadeira...

Diante da consunção carnal, transmudam-se os objetivos da vida.

Afonso de Ligório, jovem, com dezesseis anos, enfrentou o Conselho da Universidade por ser dotado de conhecimentos que o tornavam sábio, obrigando os mestres a abrirem uma exceção e reduzirem a exigência de mais quatro anos de idade, conforme era praxe, conferindo- lhe, após exames severos, o título de doutor "in utroque jure", no Reino de Nápoles.

Posteriormente, bajulado e rico, sob o açodar das glórias e das ambições humanas, foi contratado pelo duque de Orsini para defender uma causa no valor de seiscentos mil ducados de ouro, contra o grão-duque da Tos- cana, certos ambos, cliente e advogado, do triunfo, quando este, no auge da eloquência, que arrebatava o Foro, viu-se traído, por ignorar irrelevante cláusula do antigo Direito Lombardo, no caso, de importância capital, que o fez perder, lastimosamente, a questão importante.

Bastou-lhe o drama para impulsioná-lo à reflexão sobre as vacuidades dos valores e a falacidade do mundo.

Mergulhou no oceano do Espfrito e *renasceu* em forma ideal, tornando-se um batalhador da fé e da perenidade da vida.

A aprendizagem humana facilmente pode interromper-se. Não há compromisso de tempo definitivo, no que tange à Escola, para que todos os alunos consigam

concluir o curso. . .

No educandário do corpo, repentinamente há interrupção da experiência, sem prévio aviso, e para a qual se devem preparar e predispor os aprendizes.

Tragédias e malogros, bem como o surpresar das hecatombes são instrumentos para a interrupção do corpo somático, jamais, porém, da vida, continuando cada aprendiz com a bagagem que acumulou e que lhe constitui o passaporte para a felicidade ou o grilhão que o reterá na desdita.

Utilizai-vos, portanto, deste momento e moderai as ambições, reformulando as torturantes paixões que estiolam vossa paz.

Concedei à *vida física o* valor real que possui: bênção *para o* progresso, oportunidade *para o* amor, reparação dos *erros. . .*

Reconsiderai as vossas ocorrências e preparai-vos!

Filhos e esposos, pais e irmãos, amigos que vistes *partir sob* quaisquer elevadas ou penosas circunstâncias *esperam por* vós.

Tende paciência e preparai-vos para o reencontro.

Não *penseis em irdes com eles nem* vos entregueis à *rebelião* insensata *que não* resolve o problema, nem de volta vos *traz o ser eleito.*

34Ao revés, armai-vos dos ''tesouros que não enferrujam", nem desaparecem e conduzi-os convosco, a fim de os fruirdes ao lado deles, com emoções intérminas de felicidade na Vida estuante que vos aguarda. Aí, então, exclamareis como São Paulo: "Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei..." (Co. 1:55 e 56).

Coerência da fé

Os cristãos primitivos, porque identificados com o espírito da doutrina, que respeitavam, entregavam-se, em caráter de totalidade, ao labor da edificação' do Senhor dentro dos seus próprios corações. Considerando a transi- toriedade da vida material, fixavam-se e tarefa da renovação dos valores íntimos, a fim de documentarem a excelência da vida espiritual, que perseguiam com afã e denodo até ao sacrifício da própria organização somática.

Na escala de valores dos bens amoedados, sabiam santificar as doações de vida, transformando-as em recurso de beneficência antes que em presídio dourado da usura, onde as moedas tilintantes e os recursos materiais se convertiam em motivo de desdita e de infelicidade.

Propugnando pelo bem da humanidade melhor, faziam-se melhores eles mesmos, sem excogitarem da con- ceituação que desfrutavam na comunidade onde viviam, porque reconheciam a superioridade da realidade interior em detrimento das exterioridades.

Integrados no conceito da certeza da sobrevivência espiritual, utilizavam-se de todas as horas da vida orgânica para prepararem a grande libertação que lhes

significava o pórtico triunfal para a conquista da perfeita liberdade.

Não compactuavam com a licenciosidade da época, antes vivendo em realização silenciosa, em abstinência, do que se conspurcando com as paixões dissolventes, em que se compraziam os demais gozadores da Terra, que ainda não se haviam identificado com Nosso Senhor Jesus Cristo.

Desse modo, transformaram-se em estrelas inapagá- veis do constelado céu da fé cristã.

A assimilação dos ideais da atualidade, nem sempre enobrecidos e normalmente pautados nos valores aquisitivos e transitórios do mundo, tem feito bruxulear a legitimidade da fé, no altar sagrado dos corações dos homens novos do Cristianismo.

Conive-se com a criminalidade, mantém-se atitude venal. Concorda-se com as expressões da vilania e justifica-se os crimes arbitrários em dolo contra a propriedade, contra o homem, contra os direitos do homem, contra a móral sob atenuantes de que os tempos são diferentes. Diferentes estão os homens, porque o tempo do amor é o tempo da eternidade; o tempo do bem é o tempo de todos os tempos, em que o homem se integra no espírito cósmico sendo co-criador com a Divindade.

Não se pode estranhar que a corrupção alcance índices alarmantes, a violência extrapole quaisquer perspectivas e as arbitrariedades ameacem consumir o que o espírito humano edificou de mais belo através dos tempos.

As guerras calamitosas, que reduzem a cinza e pó o patrimônio histórico de muitas e muitas gerações, são o resultado do bruxulear dos sentimentos humanos, fadados à grandeza moral e enobrecimento que devem caracterizar o homem em seu estado integral. Por isso, a vós, os espíritas, está reservada a tarefa de reconstrução do mundo, desde ontem, antes que rua o edifício da civilização e se aniquilem as conquistas éticas e filosóficas da humanidade. ..

Vivei o ideal do bem e não vos deixeis desalentar peias expressões de enfraquecimento dos valores morais.

Exemplificai com alegria, não pela balbúrdia, a vossa identificação com Jesus.

Deixai-vos dilacerar pela dor, se necessário, mas transformai-vos para melhor, hoje e agora, porque esta oportunidade é mui significativa.

Não sois viajores de uma estrada desconhecida no Cristianismo. Sois cristãos em continuas repetições de experiência, agora aclarados pelos postulados espíritas em torno da realidade de Deus, que podeis entender; da imortalidade da alma, que comprovais; da divina justiça, que já sentis, e da reencarnação, que vos faculta aprendizagem no domicílio terrestre e recuperação das lições perdidas através das novas oportunidades a conquistar.

Compreendeis que abraçais a cruz do martírio, porque a vida, na Terra, de certo modo, é um martirológio consciente ou não.

Ninguém que nela transite em regime de plenitude ou que jornadeie isento dos

cravos do calvário.

Espíritos em trânsito do instinto animal para a razão e da razão para a intuição, vede-vos obrigados a despojar-vos das escamas pesadas e das algemas que vos atam à retaguarda, de avatar em avatar.

Não tergiverseis! E se não tendes o direito de combater aqueles que procedem erroneamente, estais comprometidos para procederdes melhor do que eles.

A vossa atitude se expresse na jovialidade, porém, na retidão; na aquisição dos valores do mundo, todavia, através da renúncia.

Nos comportamentos sede austeros convosco mesmos nas atividades cristãs, pugnando pelo bem, porquanto hoje, como ontem, o cristão, representando o Senhor, que é a "luz do Mundo", não pode viver em trevas, senão atestando que ainda não se encontra tocado pela presença luminífera d Aquele a quem busca.

Quando as dificuldades soezes vos estreitarem na cela das provações e os problemas vos atormentarem superlativamente, contai com a indeclinável presença divina que vos há elegido para testificardes e demonstrardes o amor que dizeis ter por Ele, mas que, indubitavelmente, Ele tem por vós.

Vivei a sã doutrina dignamente, a fim de que a vossa pregação seja fluente e comovedora, tocante e fasci- nadora, sobretudo provando a sua legitimidade, pelo que a viveis, antes que pelo que a ensinais aos outros.

Panegírico da fé

A fé é para a alma o que o oxigênio significa para o corpo. Ninguém que dela prescinda. Mesmo quando o homem afirma não a ter, paradoxalmente, encaixa-se no im- positivo da fé por negação.

A fé implícita é inevitável ao ser humano, de que ninguém se encontra destituído.

A fé religiosa é inata na criatura, por proceder a vida de uma realidade espiritual que se lhe insculpe inconscientemente, aflorando ou ressurgindo sem que ele se dê conta.

Crer é fenômeno natural; não crer é esforço mental.

Para negar, a inteligência rebusca exigências e atormenta-se no sofisma ou aferra-se ao acomodar da razão.

Invariavelmente a fé significa a concordância do intelecto, resultante do valor de um testemunho diante de um fato. Não poucas vezes a fé é confundida com a crença, diferindo, porém, desta pelo objeto e especialmente pela realidade espiritual em que se assenta.

A fé se devem os grandes momentos da História, as glórias do pensamento, as expressões sublimes do holocausto e a grandeza da Ciência, da Técnica, da Ética...

A fé é a fomentadora dos ideais da arte e da beleza em todas as suas expressões.

A fé expressa uma confiança que transcende o juí- zo e se movimenta numa esfera diversa da crença, sem opor-se ao saber.

O pintor e o músico, o esteta e o arquiteto, o cantor e o poeta na fé haurem a vitalidade, a força da sua realização, sem o que, o espocar da beleza interior deperece- ria sem vitalidade neles. ..

A fé levanta impérios e edifica civilizações, impelindo os povos ao progresso, às arrancadas do triunfo.

Os heróis, no campo de batalha, tombam em martírio pela fé no ideal que lhes entumesce o ânimo. E os mártires doam-se, clarificados pelo esplendor da fé — estrela encravada no céu das suas almas.. .

A fé harmoniza o lar e promove a comunidade, equHibrando a Sociedade onde prolifera.

O primeiro sinal de decadência de um povo é o bruxulear da fé nos valores divinos e no caráter dos homens.

Quando a dúvida se infiltra, a urdidura do receio tece a rede da malquerença, que fomenta os medos, que favorece a debandada do culto dos deveres. Quando o altar dos deveres é violado, tomba a pira da responsabilidade que apaga a chama da dignidade, da honra, e, sem honorabilidade, não há lugar para a paz nem aí viceja o progresso.

O orador inflamado e o místico em transe, o artesão mergulhado na tarefa e o tecnólogo em ação, o cientista dobrado sobre um tubo de ensaio e o lavrador que fere o solo adusto, o mestre que leciona, responsável, e o sacerdote da arte de curar junto ao paciente são exemplos da fé, nas suas várias expressões, nas formas infinitas em que se manifesta.

Fé e vida se confundem.

A fé clareia; a vida sustenta. A fé vitaliza; a vida produz.

A fé não se dobra; a vida levanta.

A fé religiosa faz gigantes que arranca do pó e os eleva à grandeza do empíreo.

O cetro dos reis e a sandália do mendigo ante a fé recebem o mesmo respeito.

Francisco de Paula, convidado a salvar a vida de Luiz XI, o detestado, cuja coroa flutuava no mar de sangue das vítimas e o cetro se erguia sobre os escombros das cidades em ruína, não o temeu, embora o monarca temesse a morte. Desejava viver, apesar de moribundo e exigiu do taumaturgo calabrês que lhe restituísse a saúde em fuga. Acostumado à bajulação e ao pavor dos que se lhe submetiam, ouviu, aterrado, a sentença que lhe exteriorizava o santo, inspiradamente. Intimorato, o servidor de Jesus falou-lhe sobre a hora da partida com austeridade, arrebatado pela fé e o converteu ao amor cristão, atando-o às alpercatas do Caminhante Galileu.

Ante a iminência da invasão de Pádua pelos soldados napolitanos, a soldos dos esbirros do imperador Frederico II, da Alemanha, Antônio ofereceu-se sem armas diante do pavor da cidade que deveria ser saqueada e derruída, munido da

coragem da fé, envolto em grosseiro saco e cilícios que lhe cobriam, ferindo o corpo frágil e, parlamentando, submeteu os infrenes conquistadores que, em Verona, ceifaram doze mil vidas de cidadãos...

Os nautas intrépidos dos mares ignotos e dos espaços infinitos alçam-se às aventuras de ampliação dos espaços, sob os auspícios da fé...

Desbravadores das regiões bravias e estudiosos dos fatores sísmicos-e das intempéries alcançaram suas metas sob a inspiração da fé.

Nenhum dogma para a fé deve merecer relevância, porquanto, chama divina no homem, é a estrela polar aurifulgente a conduzir a barca da aspiração para o triunfo, no imenso roteiro abissal da viagem evolutiva.

Ato de fé o de Jesus Cristo em referência ao homem, tão grande que O fez dar-se e prosseguir dando-se até hoje e pelo amanhã em fora, aguardando que nos demos a Ele para a própria felicidade, sem qualquer prova concreta do nosso amor nem da nossa felicidade.

OS PROBLEMAS DO MUNDO E DO HOMEM

Parece estranhável que o Século da Ciência faça-se registrar pela soma das inomináveis aflições que desabam sobre o homem e a sociedade; que as conquistas da Tecnologia não houvessem resolvido os problemas que aturdem as massas, solucionando os velhos dramas da miséria econômica, do desemprego, das incertezas, das lutas de classes, dos torpes enfrentamentos bélicos; que as descobertas dos métodos sociais para a eliminação dos focos do crime e da desordem, dos desajustes, não lograssem mudar as paisagens lúgubres das favelas e dos conglomerados sub-humanos, nos quais enxameiam milhões de criaturas; que as revelações das doutrinas psicológicas e psiquiátricas não sustassem as causas geradoras das loucuras, os *gérmens* dos distúrbios do comportamento e os *vírus* do medo quanto da violência que transformam o homem em fera, como se estivesse retornando aos primeiros dias da "luta pela vida", mediante a sobrevivência do mais forte. ..

As Leis e os Estatutos humanos sucedem-se, Organismos Internacionais se levantam pujantes de ideais, no entanto, num relance, numa observação rápida, continuam a predominância da rapina ao invés da generosidade; do ódio em detrimento do amor; da vindita com o esque'cimento do perdão; da maledicência em lugar da educação do erro; da enfermidade e não da saúde.. .

As proclamações dos "direitos humanos" revelam maturidade de consciência no homem, no entanto, em contrapartida, enquanto os Movimentos da Anistia para os condenados, fazem-se dignos, no fragor dos entusiasmos da solidariedade, não se levantam vozes nem se produzem esforços em favor das vítimas, dos que ficaram

na paralisia e na dor, na viuvez e na orfandade, não obstante portadores de direitos equivalentes.

Bandeiras pela defesa da criatura humana são hasteadas, apresentando delinquentes que são elevados à posição de heróis, mas, em nome dos novos cometimentos, há uma preocupação de desmistificar-se os líderes e os condutores de ontem, ulcerando-os moralmente e dilacerando-lhes o caráter, sem que os mesmos possam pelejar pela prevalência da verdade.

Os discursos exaltam e as propagandas bem elaboradas *vendem* novos líderes para as massas, aturdidos e imaturos em si mesmos, que se sentem impelidos a prosseguir, enquanto *devorados* pela *máquina* que, ao tempo em que os promove, logo os consome.

É, sim, estranhável, que lapuzes se sustentem sobre o cadáver dos órfãos e das viúvas e a astúcia ganhe os estipêndios que são negados à honestidade.

Numá visão histórica, o progresso vem se multiplicando pelas próprias conquistas realizadas, com valores, alguns, sem dúvida, de grande, porte, os demais e genericamente, apenas para a comodidade, para o prazer dos sentidos.. .

As tentativas para o levantamento do Espírito imortal, porém, prosseguem, na sua generalidade, sob os apupos e as zombarias, ou quando menos relegadas à mesquinhez da indiferença, do silêncio comprometedor, evitando-se-lhe a clara e segura divulgação.

Armados uns contra os outros, os homens ainda se detestam, cordialmente, até o momento de se agredirem, quando o não fazem despropositadamente, sem qualquer motivo.

É sabido que a gênese dos problemas está no próprio homem e somente quando ele meridianamente estiver iluminado pelo amor, é que o amor clarificará o meio onde ele se movimenta e age.

Propõem-se reformas de base e de estruturas, apli- cando-se Leis que contribuam urgentemente para a mudança da situação, com ênfase que denota a honestidade dos propósitos.

Sem dúvida que são valiosas todas as tentativas que objetivem o bem estar e a paz dos seres. Apesar disso, todo o empenho deve ser desenvolvido em favor de cada qual, esforçando-se cada um pela sua transformação moral, de cujo labor decorrem as demais mudanças do caráter, do comportamento, da atividade.

Embora a ajuda do poder, da autoridade, da justiça, seja de capital importância, que não pode ser *adiada,* simultaneamente o esforço pessoal pela renovação íntima é urgente.

Não se podem estabelecer códigos legais de bondade e de afeição, nem legislar-se sobre vida interior e elaborações mentais.

O compromisso deve ser individual, intransferível, pelo desejo ardente de erradicar-se, de vez por todas, as infelizes paixões que infestam os mecanismos da vida, entorpecendo as almas nas alucinadas buscas do nada.

Conscientizando-se o homem da certeza da sobrevivência e aparelhando-se com os recursos da plena convicção de que é o construtor da sua felicidade, mais fácil se lhe torna o empreendimento iluminativo, libertador, pautando, na Terra, uma conduta salutar, de cuja atitude se beneficiarão os seus coetâneos e toda a comunidade.

O primeiro inimigo a ser combatido, o mais voraz, é o egoísmo, que cederá lugar à solidariedade que deve vigir entre todos, unindo-os como irmãos que o são. O forte, então, auxiliará o fraco que, a seu turno, será dócil ao apoio; o sadio atenderá o enfermo, que se tornará acessível ao socorro; o rico amparará o pobre, que o não explorará; o douto orientará educando o ignorante, que se esforçará por vencer as sombras em que se debate; o trabalho será o campo de crescimento para todos, sem que a avareza ou o desperdício de uns responda pela miséria dos outros. E em palavras últimas: bem viver uns com os outros para que todos vivam bem entre si.

Na aquisição dos bens espirituais e dos tesouros morais empenhem-se os homens com afã e estarão combatendo os monstros do momento: inflação, genocídio, loucura de todo porte e expressão, criminalidade, guerras...

Os problemas do mundo são os do homem que, corrigido e educado, produzirá a felicidade geral.

Ponde Jesus em vossos pensamentos, para que Ele se manifeste ao vosso próximo no milagre das vossas ações.

Estipulai as metas para a vossa realização: paz de espírito, deveres cumpridos, alegria de viver.

Nenhum dissabor durará, calamidade nenhuma vos perturbará, porque, com a paz de consciência, transitareis por quaisquer caminhos sem tergiversações nem dubiedades.

Atentai!

Em vossos problemas e necessidades estão estabelecidos as imposições e os direitos a que o vosso próximo tem crédito ou de que se tornou vítima inerme.

PANEGÍRICO DA DEDICAÇAO

Ainda jovem, estudando na Universidade de Paris, o futuro evangelizador do Japão e da índia, que foi São Francisco Xavier, obstinava-se em recus^r-se viver a Doutrina de Jesus...

Mente lúcida e fértil, mestre aos vinte e três anos de idade, corpo ágil e ardente, desejava abrasar-se no prazer que deveria consumir-lhe o corpo, deleitando-lhe a alma, sem maior preocupação com a vida espiritual, a que não se dava empenho.

Ledo engano, porém, porquanto, talhado para o amor, seu caráter límpido negava-se à consunção das vilanias e mixórdias da sordidez, em que chafurdava a mentalidade da época.

Tocado nas fibras mais íntimas pela candura do Cristo, ardeu de fé viva, por onde seu verbo vigoroso passeou a poesia e a mística da salvação, embora partindo da Terra com apenas quarenta e três anos, numa ilha da China, em Sanchão.

O clima espiritual do mundo era, então, áspero e o solo dos corações, árido.

A presença do missionário transformou-se em abundante chuva a refrescar a paisagem humana, saciando a sede das almas e a ardência dos sentimentos.

Foi-lhe necessário, para o desiderato a que se entregou, romper com o mundo e suas torpes paixões, decidir-se pelo ministério da doação total.

Sem detestar os viciados, tomou-se de horror pelos vícios, levantando masmorras ao crime e libertando os que se houveram algemado a eles.

Após meditar na vacuidade e transitória resistência do corpo e do vigor físicos à enfermidade, ao tempo e à morte, Francisco aprofundou o espírito nas reflexões sobre a Vida plena e, descobrindo a perene beleza e eterna juventude, saiu a ofertá-las às multidões aturdidas.

Investiu a vida para resgatar vidas; ofertou-se, a fim de alcançar os que se negavam a viver, porque anestesiados, entorpecidos pelos vapores das paixões aniquilantes não mais discerniam.

Arruinando uma carreira futurosa, em termos terrenos, antecipou o porvir com uma felicidade plenifica- dora.

A sua foi a vitória sobre a ambição dos bens passageiros, num lograr de valores permanentes.

A grandeza da fé esplendente de amor ao próximo tem sido sempre o dínamo que gera os santos e os heróis da renúncia, neles forjando os ideais de que se fazem os vexilários.

João Vianney, que se tornaria o impoluto taumaturgo d'Ars, em França, enfrentou grandes dificuldades no trato com as letras.

Somente aos vinte anos pôde assenhorear-se de alguns rudimentos do latim, cavando a terra em que mourejava, como a preparar-se para a imensa gleba dos homens a que se entregaria no futuro.

No passado, o Senhor deixara que Saul pastoreasse ovelhas, aprendendo com elas e amando-as, defendendo- as das escarpas, dos ladrões e das feras, para que viesse apascentar o rebanho tresmalhado de Israel.

Na comunhão e vivência com as difíceis coisas e ações simples se disciplinam e educam os condutores e agentes das realizações complexas, das decisões graves.

Quem não se prepara para enfrentar os desafios das pequenas coisas, nelas engrandecendo-se, nunca consegue ser nobre ante os tentames que exalçam a vaidade e o egoísmo, apequenando-se na aceitação destes, com os quais se corrompe, jactancioso, prepotente, mesquinho.

Várias vezes acicatado pelos receios da própria impossibilidade de servir a Deus, o nobre Vianney, porque não assimilava os pesados textos do seminário, nem se fazia hábil na dialética indigesta dos orgulhos do púlpito, esteve por renunciar ao sacerdócio, não se dando conta de que o atributo essencial, sagrado, para o exercício e vivência da fé, é a perfeita identificação com o Espírito do Cristo, em que se haurem a coragem e a abnegação de que se constitui o pão nutriente para a vida.

Arder como uma candeia sem consumir-se, derramando claridade nas sombras, fazendo-se leito de repouso para os cansados, estímulo para os caídos se levantarem e prosseguirem na marcha, distendendo bálsamo e cicatrizando feridas, sobretudo, instalando a presença arrebatadora d Ele no imo de cada ser desassisado ou descrente, a fim de que não mais faltem roteiro, nem esperança, abrigo nem conforto — eis o essencial...

Promovido nos exames de Teologia do Seminário por compaixão, Vianney que não era dotado de inteligência para as avaliações humanas, trazia a marca, a condecoração do Senhor visível na alma, de cuja fonte jorrava a flux a linfa da misericórdia, em palavras de sabedoria e atos de restauração da saúde do corpo e do espírito em quantos o buscavam, em largas, invencíveis filas de sofredores a desejarem-no...

Convertera-se o campo em que joeirava na juventude, em terreno adusto — a mole humana atroada e consumida pelas dores — que lhe cumpria outar com carinho.

João Vianney *descendia* dos que se entregavam por amor, qual ocorreu com outros miliardários do Reino de Deus, entre os quais Pedro Friedhofen que viveu para os enfermos e os pobres. Na orfandade, aos dez anos limpava chaminés para manter-se, enquanto se fortalecia no desenvolvimento orgânico, para depois *limpar* chagas e dores, mazelas e paixões dos corpos e almas que a ele recorreriam. ..

*

Os desencantos, as decepções não apenas fazem fracassados, senão aqueles que o são interiormente sem o concurso dos insucessos, também produzem os heróis e os mártires que mais se agrandam e se depuram nessa fornalha, moldando o metal da vontade às excelências do apostolado a que se entregam, força atassalhante para as pequenezes que sustentam os fracos.

Por constituição humana, a criatura não lobriga a verdadeira felicidade se não experimenta os revezes, se não sofre da agonia o punhal aguçado, se não oscula a mão do infortunado distendida, tiranizando os seus sonhos e ideais, ou se não se vê espezinhado pelas impossibilidades e limitações que lhe estrangulam as aspirações de crescimento.

A *alma que se* não fortaleceu na pobreza, mau uso faz da abundância, como perdulária ou dela escrava, porque se *agraúda* quando veleja pelo charco, sorvendo o ar balsâmico da esperança, adquirindo, assim, um vigor, que ninguém, que pelas mesmas paragens não haja passado, pode superar.

A dor dispõe melhor as percepções e as sensações se apuram quando esse ferrete se crava nas carnes dos sentimentos.

Se aos fracos asselvaja, aos fortes santifica, armando de valor aos débeis que se desejem vigorar.

Na história de cada vida relevante estão impressos a fogo os ideais, em páginas da gigantesca dor que superam, tornando-a um hinário de consolação para os que ainda choram e temem.

Não carecem os cristãos autênticos dos prazeres que produzem ruídos e entorpecem, porque nas suas vidas há logros tão felizes, que as mais terríveis desgraças não os afligem.

*

Levantai-vos, homens simples e sofridos, para a glória do Bem!

Escusai-vos à santificação porque não vos descobris eleitos de Deus, dizeis, como se essa eleição fora uma gratuita dádiva injusta, que a uns redime e a outros condena.

Tomai a vossa cruz e tornai-a asas de amor, com que vos alareis dos abismos de sombra aos páramos da Fonte Inexaurível de Luz.

Os santos não nasceram beatificados, nem os heróis apareceram completos, mas se fizeram com as bátegas do álgido suor dos testemunhos e das abnegações, concomitantemente sob o bafejo da divina inspiração que a todos nos alcança em abundância.

Produz-vos inveja a glória, desperta-vos cobiça a paz, ansiais pela felicidade? Eu vos direi que essas, adquiridas no imediatismo corpóreo, na consunção da matéria ficam, tão rápida quanto vãs serão depois.

São pouqu íssimos para vós esses troféus, que os podeis adquirir, investindo-vos na conquista dos perduráveis laureis do reino de Deus, à vossa espera desde agora, pela dedicação.

A morte em face da vida

Por que morrer? Que é a Vida? Qual a finalidade da vida?

São João Crisóstomo, estudando a importante questão da morte, convidava a que se fizesse um giro pelo cemitério, detendo-se diante de uma sepultura, a fim de contemplar os despojos mortais que restaram da decomposição da química terrestre e indagava: "Onde a beleza física, a jovialidade, o ardor, os condimentos que fomentavam a ação do corpo?"

Ao examinar a masmorra esquelética que se consumiu, desafiando os prognósticos mais alvissareiros das inteligências pródigas de ficção, concluía, amargo, a sua sentença, a respeito do fanal da vida orgânica: "Tudo são cinzas, lama e decomposição"...

No entanto, do conceito pessimista do insigne cristão, merece ressaltar-se que

a morte não é apenas o mergulho no abandono das células e a dissolução das conjunturas materiais.

Morrer faz parte do viver. A morte afirma a vida.

Sócrates,.filosofando, explicava, no seu conteúdo idealista, que a "filosofia é a arte de intérpretar a morte".

A morte constitui para o homem um desafio àsua perspicácia e à sua ansiedade de vida, já que ela transita numa rapinagem desesperadora, ceifando o nascituro e deixando o macróbio; levando o sadio e poupando o enfermo; mas, inevitavelmente, pelo seu guante aguçado passam todas as formas e expressões de vida vegetativa, inclusive as de aparência inanimada como os minerais.

A morte não se contenta numa seleção arbitrária de valores, e aí é que está a regra para a qual toda objeção parece ridícula. Para morrer, uma só e única imposição se faz de urgência: ser constituído por moléculas que naturalmente se desagregam. .. Por que morrer? Porque morrer, é a mais alta expressão do viver. A morte representa o fim, o estágio determinante do processo da evolução biológica. Em cada etapa desse processo, há um momento finalista, terminante, de cuja histogênese surge um novo estágio, e, sucessivamente, até a morte do todo para a abertura da madrugada da vida.

Por que morrer? Porque seria uma arbitrariedade dá Divindade a vida orgânica se não houvesse a misericórdia da morte. Pode-se entender quão equânima e benigna se torna a morte ante um alienado irreversível; um canceroso que não mais recompõe as células com equilíbrio; um mutilado que se vê no estágio da impossibilidade total de ação; alguém apunhalado pela suprema aflição moral sem oportunidade de recomeço; o padecente da arteriosclerose sem nenhuma injunção paliativa; de todo um quadro de patologias graves que o desgaste da máquina orgânica sofre por contingência natural da sua própria mutabilidade, qual o aniquilar das faculdades pensantes sob o látego de infrenes agonias, se não encontrasse na morte a transição segura para a liberdade.

Que é a vida? esta eternidade que não começa no berço, que não sucumbe no mausoléu! Hálito divino que se veste de moléculas organizadas, se despe, dando continuidade a um determinismo absoluto, no rumo da perfeição. A vida é o sucedâneo da morte, sem a qual não teria nenhum significado.

Qual a finalidade da vida? Adquirir experiências, somar valores, conquistar láureas pelo esforço individualizado.

A Terra é a imensa escola onde se catalogam os valores da realidade do ser para o fluir da plenitude do Grande Ser. A finalidade essencial da vida é superar limites, transcender conjunturas, armazenar sabedoria. Fazer da vida um patrimônio exclusivo do planeta terrestre seria a negação da Divindade, tornando o Supremo Criador insignificante, apequenado.

A entrada e a saída do corpo, de forma alguma impedem o avançar da vida, antes estimulam-na, porquanto ensinam a superar limites e a ultrapassar todas e

quaisquer expressões do primitivismo donde procede. Faz parte do viver biologicamente o desenovelar-se biologicamente pela morte. A filosofia essencial da morte é o preparo da vida e a meta cumulativa da vida é a preparação para a morte. Sem este fenômeno natural, biológico e final do corpo, nenhum sentido teria o existir.

A vida que se levanta depois da morte, reedifica as aspirações interrompidas; estrutura os ideais não realizados; une as peças da emotividade desagregada e equilibra os sentimentos afáveis dos seres unindo-os numa grande e única família, em que o amor preside às excelsas cogitações do ser que pensa. Além do portal da sepultura e acima das expressões depreciativas da morte, a vida estua, fascinante e bela, como um sol indestrutível, irradiando calor e luz, numa expressão sublime do amor de Deus.

O homem espiritual

O homem, da vida espiritual, somente conhece débeis lucilações. Embora tenha sua origem nas vibrações sutis da energia, as experiências corpóreas impregnam-no tão fortemente das sensações materiais, que ele nasce, morre e renasce numa esfera de entorpecimento em que, à custa de dor e sob dificuldades aflitivas, somente se liberta ao longo das reencarnações.

As religiões, que têm a precípua finalidade de colocá-lo diante da sua e da divina consciência, sofrendo a influência dos seus pastores equivocados, ministram os ensinamentos humanizados, mais perturbando as aspirações libertadoras do ser. Mantendo o espírito em nebulosa de equívocos e de inseguranças, da vida física fazendo o seu apoio e sustentação, pensa no espírito como sendo numa remota, impossível realidade, cuja compreensão lhe parece totalmente vã, graças aos fundamentos materiais em que alicerça as convicções.

Seria de crer-se que, provindo da esfera imortal para o mergulho no corpo físico, ficassem as claridades lumínescentes da razão, isto é, as lembranças.

Os renascimentos se fazem num automatismo lamentável, em que morte, fora do corpo, e vida, no corpo. são termos de um mesmo redemoinho em que o ser se agita fora ou dentro da matéria com a mesma insegurança, sem mais amplas possibilidades de traçar o rumo para uma viagem consciente.

Quanto é complexo para o homem desprender-se dos bens materiais, vitimado pelo instinto de conservação da vida, que o impele a uma previdência absurda e ególatra, também se lhe torna difícil separar-se dos despojos materiais quando advém a morte, ou bloquear os centros das sensações, embebido pelas reminiscências corporais da jornada de que se deve desprender e não morrer. O desprendimento do corpo de maneira alguma se dá quando a máquina orgânica deixa de funcionar.

Morte não significa mudança real, em quem não se predispõe a realizar a viagem

conscientizado de para onde vai, por que vai e o que deve levar consigo.

A lagarta que dorme ignora a borboleta que voará. Na histólise do corpo, enquanto se alteram e se destroem as células orgânicas, o espírito que se acostumou a sobrenadar, não obstante as circunstâncias atávicas das amarras físicas, nenhuma dificuldade encontra para liberar-se dos condicionamentos materiais. No entanto, quem não tenha as experiências espirituais, os momentos de enlevo, não realizando os tentames com que se despoja das injunções carnais, mui dificilmente consegue liberar-se quando lhe advém a morte do corpo.

Tarefa ingente e imensa a de conscientizar as criaturas humanas quanto à fatalidade da vida espírita.

Os homens que vivem como se o suceder dos dias não lhes gastasse as células, envelhecendo-lhes a roupagem corporal, aproximam-se do fatalismo biológico pelo decesso carnal em anestesia da razão.

Os homens vivem no corpo como se outra realidade jamais os surpreendesse.

Os homens vivem na luta e sofreguidão das paixões humanas, sem dar-se conta que dormir é indispensável para sonhar, e que *sonhar* é impositivo de libertar-se para sempre. . . Mergulhados na hipnose demorada dos centros da alma, quando sacudidos pelo terremoto da desencarnação, aturdem-se e deblateram, gritam e blasfemam, impõem necessidades que são fictícias e exigem de Deus, pelo antropomorfismo religioso a que se entregam, lhes atenda as vontades caprichosas, com que esperam mudar o destino inditoso que eles mesmos elaboraram e do qual se evadiram.

A improrrogável sucessão do tempo inapreciável e a tarefa das horas conseguem desgastar o granito, corroer os metais e modificar a face teimosa do espírito humano, debelando nele a força constritora que mantém as paixões negativas, insculpindo a *paixão* do bem numa necessidade para ser feliz, ao mesmo tempo investindo todas as forças pelo alcançar. No entanto, longe encontra-se o dia da realidade do espírito para o homem de bem na Terra.

Feliz o esforço de quem já vislumbra a tênue claridade do espírito na bênção do lar!

Minorar a situação generalizada da criatura do planeta, preparando-a para desencarnar com discernimento, é mister inadiável, a fim de não continuar a hibernação do corpo, no mundo espiritual, donde retornará sem haver-se percebido da grande transição transformadora e modeladora que lhe fará sofrer contingência mais precária de uma matéria limitada e obscura.

Quando cada homem esclarecido na verdade do espírito não concordar com o mundo materialista que o cerca, demonstrando pela conduta que, além da vida sensorial, há o mundo da energia pura e que, fora dos liames corporais, o mundo parafísico é uma realidade inequívoca, preparando as mentes, alertando-as, abrindo-as ao discernimento para melhor sentir e compreender, fácil será a renovação do Planeta.

Necessário, a seu turno, que esse homem medite diariamente quanto à sua vivência espírita, depojando-se, a pouco e pouco, dos enganos e equívocos, das prisões sem paredes, dos objetos e das paixões, de forma que se use mas não se abuse, que conviva mas não dependa, que experimente mas não se escravize às condições da aprendizagem corporal, onde se encontra transitoriamente realizando a marcha evolutiva, para que, em soando-lhe a hora da libertação, se lhe afrouxem os vínculos do cárcere corporal e possa ir mais rapidamente adquirindo a consciência da vida nova, que o deslumbra, fazendo a ponte de união com as experiências antes do berço, enriquecido pelos valores adquiridos durante a viagem do corpo que lhe assoma como bênção de luz, glória da vida, tesouro indestrutível, que lhe cumpre preservar, no rumo da sua libertação imortal.

Panegírico da sobrevivência à morte

Corolário da imortalidade da alma é a comunicação dos Espíritos. Sem esta, aquela carece de evidência, demorando-se como hipótese de difícil comprovação, por faltarem as bases documentais para a sua legitimidade científica.

A indestrutibilidade do princípio espiritual à morte é a mais consoladora dádiva da vida, sem o que a vida não teria qualquer sentido.

Extinguisse a morte com o seu guante fatalista a estrutura fundamental da vida, o existir intelectual mente passaria a ser um paradoxo arbitrário, na conjuntura da Criação, sem conteúdo ou significado credor de respeito.

Não bastasse a vasta documentação histórica retratando a sua vigência nos variados estágios da evolução social e ética da humanidade, a repetitividade do fato dar- lhe-ia, somente nos dias hodiernos, força de verdade, num atestado de autenticidade inegável.

Excogitando-se, ainda, no passado dos povos, quanto à sobrevivência da alma, o Velho como o Novo Testamentos se fazem repositórios incontestáveis, do intercâmbio existente entre os Espíritos e os homens.

Extraindo-se do excesso das narrativas apaixonadas e'patrióticas do povo hebreu os enxertos e abusos, ou filtrando-se da deficiência das traduções repetidas dos textos primitivos e da tradição oral os exemplos dignos da fé, o enxamear dos relatos em torno dà interferência dos *mortos* no *modus vivendi* e *operandi* dos vivos faculta tão preciosa documentação, que invalida a suspeita mais cética daquele que compulsa seriamente as exposições proféticas, os códigos da legislação e as explicações das origens da vida, na Terra...

De inegável inspiração espiritual, aqueles ensinamentos são o fruto de um intercâmbio incessante entre os habitantes das duas esferas vibratórias da vida,

ressumbrando contínua floração imortalista, que se converte em esperança e conforto com que a criatura haure forças para superar vicissitudes e dificuldades que a surpreendem no cotidiano da existência fisiológica...

Nos "ditos do Senhor" insertos nas comovedoras narrações dos quatro evangelistas, participantes dos fatos uns e outros informados pelas testemunhas dos acontecimentos que abalariam o mundo de todos os tempos, a excelência da ocorrência exaltando a vida imperecível é confirmação inconteste dos enunciados antigos, com que a autoridade d Ele se patenteou superior e grandiosa, demonstrando a Sua procedência...

Em diálogos graves e enérgicos com os sofridos habitantes das Trevas que tentavam imiscuir-se no Seu ministério, com os atenazadores de criaturas colhidas por subjugações infelizes, Ele prodigalizou a todos amparo e diretriz, encaminhando-os com autoridade ao prosseguimento da sua tarefa de evolução na esfera por onde transitavam. Além de tais conúbios valiosos, as momentosas confabulações com as Entidades Superiores demonstram que a vida perde a indumentária, não o conteúdo que cada ser conduz, como resultado das suas próprias aquisições.

Seres angélicos ou demoníacos, em feérica luz ou turbados em sombra íntima, buscaram-nO e receberam atendimento compatível com o seu estado, numa incontroversa afirmação de que o físico é o mundo *dos efeitos* e o espiritual o das *causas,* reiterando que a vida é única, a revestir-se de matéria, em corpos que são fases transitórias para a aquisição de experiências e a conquista de valores que se lhe imprimam no íntimo os impulsos de felicidade para a plenitude futura.

Em prosseguimento natural, os atos dos Apóstolos, as Epístolas e a visão profética de João, em Patmos, exarada no Apocalipse, são o reiterar da soberana imortalidade em momentosos intercâmbios de inquestionável beleza. ..

Na atualidade, os médiuns, que exercem o ministério dos antigos profetas — e os há nobres, fieis, abnegados como frívolos, apressados, irresponsáveis — são os órgãos físicos de que se utilizam os que partiram e não se consumiram, para demonstrarem a imortalidade da alma em triunfo à circunstancial destruição dos tecidos físicos.

Questão pertencente à antiga Teologia, que sempre reconheceu o intercâmbio, embora considerando possível apenas entre os eleitos, no que tem razão — *eleitos,* no sentido de dotados das faculdades que permitem o ministério —, hoje passou a ser fundamento sociológico e ético, a impulsionar a marcha do progresso do homem e da comunidade humana para mais dignificante fanal. Simultaneamente é resposta hábil para as perturbadoras e afligen- tes psicopatias, distúrbios da emotividade e enigmas outros da personalidade, que as *ciências da alma não* conseguem de outra forma elucidar com segurança, logrando resultados felizes.

Único estímulo para uma ética comportamental superior, a certeza da imortalidade constitui empatia forte e impulso seguro para uma vivência elevada

do homem que passa a perseguir os ideais enobrecedores da vida perene, antes que as exaustivas buscas desgastantes das sensações que gozam e se exaurem, com o corpo que passa breve.

Na incontroversa questão da imortalidade, um novo significado filosófico irrompe em comportamento que modifica as estruturas da psicologia humana e da sociedade terrena.

A morte já não se faz fator de neuroses nem se transforma em desgraça, porquanto depois dela a vida aguarda os viajantes, que se reúnem para esperar, em trabalhos e ações que lhes fomentam o progresso, os amores que ainda deambulam atados aos liames da carne.

À semelhança dos primitivos cristãos que "negavam k o mundo" e exaltavam o "Reino" além da morte, cantan-
m do, quando partiam os seus membros, em regime de feli
cidade, os que se sensibilizam e modificam em face da sobrevivência, rejubilam-se com os que desencarnam, embora as saudades momentâneas, e aguardam o momento de os reencontrarem quando concluídas suas tarefas de redenção e crescimento moral.

A imortalidade em triunfo já não é capítulo do misticismo do passado, mas página homérica da Ciência do presente, exaltando a vida e honrando-a estoicamente.

Os que estão a morrer, de consciência tranquila, saúdam no túmulo o portal em luz da madrugada de bênçãos de que se inundam, num dia feliz de imortalidade.

Inferno e céu

0 Cristianismo, na sua peregrina beleza, é a doutrina do amor, do perdão, da mansuetude por excelência. Reformulando os velhos conceitos da austeridade mosaica, Jesus é a ponte de ligação entre os sofrimentos humanos e a misericórdia divina. Em nenhum momento se encontram, na sua mensagem, marcas de impiedade ou síndromas de punição para os transviados do caminho ilumi- nativo, porque sempre utilizando a metodologia da persuasão afetiva em relação ao pecador com grave preocupação para extinguir o pecado. Não faz que o delinquente arroste o seu crime, mas recorre à terapêutica especial para exterminar a delinquência. Não vai contra as trevas, porém, povoa os.céus em sombras com as estrelas do otimismo, para que a claridade seja predominante em toda a conceituação filosófica da sua doutrina, toda feita de amor.

Não há lugar, por isso mesmo, no Cristianismo, para a colocação das punições irremissíveis e eternas, que os teólogos medievais introduziram no contexto dos seus postulados.

Conhecedor profundo da psicologia humana, Jesus asseverava ser a porta por

onde passariam os que se destinavam ao redil da salvação. Não elegeu uns em detrimento de outros, estabelecendo uma corrente de privilégios e olvidando aqueloutros marcados por uma manifesta maldade de divina procedência. Compreendendo a necessidade de o homem evoluir por etapas contínuas, Jesus informou que "na casa do Pai há muitas moradas", que se multiplicam abundantes, para atenderem, na sua variada expressão, aos múltiplos transitadores da senda da salvação.

Foram a imprudência e a impiedade que se incumbiram de colocar na boca do Cristo e dos seus discípulos a apostasia da pena infernal. Não conhecendo o amor, que extrapolasse os limites da natureza humana, os teólogos apaixonados e impiedosos edificaram uma concei- tuação antropomórfica de Deus, a Deus atribuindo as paixões humanas, desse modo elaborando um conceito de inferno, para onde arrojariam aqueles que, nos seus impulsos de ódio, deveriam merecer o desprezo divino por toda a eternidade. Com tal fundamento passaram a pregar uma doutrina que estimula o pavor, ao invés de convocar ao amor. Assim, concediam tais teólogos e re- formuladores do pensamento cristão um Céu injusto, de "aposentadoria compulsória" e indevida, em que a ociosidade, a contemplação preguiçosa com duração perpétua, deveriam saturar os Espíritos, então condenados a um estado estanque de inutilidade.

Coube aos Espíritos que transpuseram as águas turvas do Estige, na barca de Caronte, retornarem, a fim de proclamar que a Consciência Divina jamais pune, jamais perdoa, estabelecendo leis de equilíbrio que devem vigir em torno das criaturas.

Os Espíritos, em processo de descobrimento das grandezas da criação, quando se comprometem derrogando os estatutos divinos, a si próprios se impõem o restabelecer do equilíbrio, da ordem, tanta quanto aqueles que postulam nas realizações edificantes do dever, o fruir das naturais consequências das suas atitudes de misericórdia, fomentadoras do progresso.

Beberam, os teólogos do inferno e do céu, a con- ceituação passadista, na elaboração do pensamento da antiguidade oriental, da Grécia e de Roma, no politeísmo mitológico, no qual deuses semelhantes aos homens possuem paixões e caprichos humanos.

Na Babilônia, é a deusa Istar que demanda às furnas abismais do inferno sem piedade, para resgatar a alma do seu amado Tamuz.

Zoroastro propõe que Arimã, o perpétuo ser do mal, resida, sem possibilidade de libertação, nos profundos dédalos da agonia sem fim.

Na mitologia grega, Hades é o deus da morte, por devorar os cadáveres; todavia, a partir dos escritos de Homero, ele passa a habitar como rei dos infernos. Já os romanos elegem Plutão como soberano da região inditosa.

O Tártaro passa a ser o sítio infernal, enquanto os Campos Elíseos se tornam moradas celestes. Cérbero, o cão de guarda feroz, tem a incumbência de defender

a porta do inferno para impedir que as almas dos vivos se adentrem e as dos mortos se evadam...

Gregos e romanos propõem inúmeras outras deidades menores infernais.

Transitando das doutrinas mitológicas para o Cristianismo, a conceituação do inferno é um atentado à misericórdia de Deus tão bem refletida e postulada por Nosso Senhor Jesus Cristo. Como transferir-se para o mesmo local, o homicida impiedoso, revel, e o homem que delinquiu por uma circunstância arbitrária ou fortuita? Por que transladar-se para o mesmo lugar o homem primitivo que estagia no período neolítico, ignorando as verdades transcendentes do Evangelho e o intelectual frio,que manda arrojar sobre cidades indefesas bombas bacteriológicas, para disseminar epidemias e pestes, aniquilando os seres humanos que ali se encontrem? Como conce- der-se a mesma medida punitiva a um suicida que não teve a oportunidade de construir a paz no mundo interior, porque vitimado por neurose de profundidade que o perturbava e o matricida que se desfez da genitora para roubá-la? Será lícito oferecer ao homem ignorante das suas responsabilidades, porque habita o campo ou porque vive em ilhas ainda incultas, a mesma punição que se destina àqueloutro que, de consciência burilada pelo conhecimento intelectual, delinque pelo prazer de delinquir? Será justo transferir-se para a mesma paisagem de expiação o homem que durante toda a vida manteve atitude de dignidade e às portas da morte se viu açulado por circunstâncias que o fizeram tombar no pecado e aqueloutro que, durante toda a existência, procurou fomentar a usura, o ódio, o desequilíbrio, a anarquia, a impiedadee se encontra diante da morte com um saldo devedor de alta expressão, de que a sua consciência não o pode libertar? Será que a divindade transfere o selvagem, antropófago, por impositivo evolutivo, que ainda transita nas faixas primárias para o Inferno eterno, longe da compaixão e o civilizado que realiza o aborto delituoso pela ganância do dinheiro, concedendo-lhes a mesma pena? Será medida de justiça dar-se o Inferno ao jovem irresponsável, que sucumbiu nas malhas e nas urdiduras da toxicomania, da alcoolofilia, da sexolatria, do tabagismo ensejando ao traficante dos destinos humanos a mesma punição? Será válido estatuir-se o mesmo critério de justiça, não obstante as variadas manifestações em que se apresentam os criminosos? Inúmeras outras interrogações poderiam ser propostas, demonstrando o absurdo de tal colocação teológica. . .

Na Terra, a penalogia, ainda sofrendo as paixões humanas, sabe aquilatar, diante do delinquente, os fatores predisponentes que o levaram ao crime, as injunções cri- minógenas da sua natureza sociológica, econômica, do meio em que viveu e, ao mesmo tempo, as atenuantes de que ele se encontra investido pela sua posição de ignorância, a fim de minimizar-lhe a pena. Examinam os homens da justiça imperfeita da Terra a posição psicológica dos criminosos, considerando-os à luz das doutrinas da psique humana, os que são vítimas da impulsão criminosa com o fim de diminuir-lhes a responsabilidade, quanto aqueloutros que cometem o crime

em determinadas injunções da própria criatividade ou do desespero interior, oferecendo- lhes penalidades distintas.

Na mesma ordem de raciocínio, como projetar para os céus o driblante, que se arrependeu no justo momento da partida e a alma nobre que se absteve do prazer da luxúria, da sensualidade, que destruiu a egolatria por toda uma vida de renúncia? Será critério de justiça oferecer-se a mesma bênção àquele que derrapou conscientemente na ociosidade e, no instante da desencarnação, se resolveu mudar de atitude mental e ao trabalhador que se dedicou à obra humanitária de redenção universal, escutando o apelo de Jesus para amar o seu próximo como a si mesmo e amando-O? Como se poderá ofertar ao coração materno a excelsa delícia da contemplação divina e arrojar-lhe o filho colhido pelo vendaval da irresponsabilidade nas geenas infernais? Que céu se pode conceder a um amante que acompanha do reino de delícias o comburir do ser amado nas profundezas irreparáveis da situação infernal?

Sendo a "lei do trabalho" o impositivo impostergá- vel da divina evolução, por que no céu a palavra trabalho deveria ser posta à margem, quando Jesus asseverou que o Pai sempre trabalhava até hoje e Ele também estava trabalhando? Como aceitar-se, na atualidade, um céu de anulação dos valores que se devem desdobrar numa amplitude para abarcar a Casa Universal?

Céu e inferno são estados de consciência da criatura humana apequenada ante a Consciência Divina. Sim, há rios tenebrosos para aqueles que afogaram consciências na ilusão ou na criminalidade; pululam cárceres sem paredes para os que caem em doloroso remorso, experimentando a ansiedade imensa de refazer o caminho que a circunstância, por enquanto, não permite; há presídios para os que jazem manietados pelos crimes perpetrados e têm necessidade imperiosa de voltar para repetir a experiência malograda; multiplicam-se os infernos conscienciais ulcerados por dolorosas reminiscências, mas estes estão em todas as criaturas que erraram; também há estâncias em que se demoram os irresponsáveis no trânsito dos expurgadores processos do ir-e-voltar para a Terra ou para outros Orbes de vibrações próprias, em que o Espírito se depura e ascende na busca da consciência plena e total.

O amor lene todas as ulcerações morais, modifica todas injunções por mais graves que se apresentem.

A erosão modifica a face do planeta terrestre sem pressa, de contínuo, seja pelas mãos do vento, nas correntes aéreas, seja pelas mãos dos rios, nas correntes da Terra.

O amor de Deus trabalha as imperfeições humanas, moldando as aspirações superiores para que o homem alcance o estado de Espírito perfeito, que deve perseguir, investindo todos os esforços até ao momento final e culminante da sua redenção.

Insistir no bem sempre, é a meta.

Toda vez que tombardes no erro, levantai-vos e refazei o caminho. O Senhor é de Justiça, mas a Sua, é a justiça misericordiosa.

Não vos detenhais a lamentar equívocos e erros, antes, erguei-vos para a recuperação.

Combatei o orgulho, que é semelhante a um tóxico letal que destrói por dentro e semeai esperança onde quer que estejais, a fim de que longos sejam os vossos dias na Terra e ao chegardes ao Mundo Espiritual não tenhais necessidade de retornar imediatamente ao cativeiro orgânico.

Multiplicam-se, abençoados. Orbes planetários que esperam por vós e mundos intermediários de vibrações especificas que São os mundos causais do Espirito, por onde transitastes, antes de mergulhardes nos envoltórios carnais para o processo evolutivo.

Porfiai no amor e o amor luzirá dentro de vós como sendo um sol emboscado em vossos corações.

Trabalhai, infatigavelmente, auxiliando a edificação da verdade, na Terra, mesmo que vos pareçam inócuos, inúteis, dispensáveis os vossos esforços. Ninguém é dispensável na obra da ação universal do amor.

Justiça Divina! As penas divinas decorrem da forma como encarardes o amor de Deus dentro de vós, em relação ao vosso próximo e a vós mesmos. Assim, fazei de vossa vida uma canção de amor, para que o divino amor vos libere do invólucro carnal, como a lagarta pesada fica tombada na terra, quando a borboleta colorida voa leve e ditosa no ar primaveril.

Licenças perniciosas

O homem do mundo que é possuidor de sensatez, na convivência mundana, usa mas não abusa, concorda mas não conive, ensina mas não impõe, discorda mas não se inimiza, diverge mas não dissente, mantendo em todos os momentos uma diretriz de equilíbrio que o toma verdadeiro cidadão. Compreende que a sua saúde interior resulta do comportamento que se aplica na convivência com os seus pares.

O homem cristão, discípulo sincero do Evangelho de Jesus Cristo, compreende em maior profundidade os compromissos que lhe assinalam a rota e por isto mesmo sabe que é livre, mas não tem licença de se comprometer com as vinculações negativas da vida, que lhe cumpre superar. Diante das licenciosidades que lhe abrem portas convidativas ao acesso, mantém uma atitude digna, discreta, sem envolver-se nas fantasias que levam à indigência espiritual e compelem ao aniquilamento dos ideais superiores da vida. Sente-se escravo da verdade, por isso não mente. Compreende que a saúde é fator primacial da vida, portanto, luta contra a doença. No báratro das viciações que se multiplicam galvanizantes ou douradas, percebe o lado negativo das concessões agradáveis que levam à

sensualidade — bafio pestilencial de morte que entorpece o sentimento e perturba a razão —. Abstém-se de enrodilhar-se nas malhas constritoras do mal que urde toda uma série de aflições e vexames, que terminam por destruir o que há de mais elevado no ser. Coloca-se em vanguarda contra as facilidades mòrais que anestesiam os centros do discernimento, por mais favoráveis se lhe apresentem, mesmo quando doando um cabedal glorioso de transitória posição de relevo no mundo. Resguarda-se contra os vícios sociais, os pequenos crimes que são as matrizes dos grandes delíquios espirituais. Afirma os seus valores legítimos, não pelo envilecimento da personalidade, porém através da manutenção dos requisitos que o tornam verdadeiramente digno de ser respeitado e imitado. Não aquiesce diante da mentira, da inveja, da embriaguês, da concupiscência, da calúnia, dos tóxicos, estabelecendo uma normativa de comportamento que lhe constitui a couraça de segurança, ao mesmo tempo abrindo as portas da liberdade por onde avança resoluto, na marcha que o conduz para a paz.

Enquanto medram as licenciosidades, que vão, a pouco e pouco, dominando o homem e a sociedade hodiernos, o cristão verdadeiro sabe que a sua segurança é Deus, seu melhor amigo é Cristo, seu roteiro de saúde é o Evangelho, sua definição é o Bem, sua metodologia é a Caridade, sua salvação é o Amor.

Sem qualquer pieguismo ou manifestação de covardia moral, estabelece um estado de paz interior que os conflitos e as convulsões de fora não conseguem desco- nectar.

Caracteriza-se a degenerescência de um povo, a queda de uma comunidade pela explosão aberrativa das permissividades morais que neles se multiplicam. Quando combalem os valores éticps, desmoronam-se os alicerces da vida humana.

Verdade é que muitas vezes se tornam legais as excrescências do caráter humano, apesar disso jamais se tornam morais.

Aqueles que compactuam com as licenciosidades douradas são também criminosos que se unem para os homicídios recíprocos da vida interior. Enquanto vibram, estonteantes, em sensações enganosas, as expressões do prazer, na atualidade do sexo que tresvaria, fazendo do homem um feixe de instintos animalizantes e da mulher um objeto de uso indiscriminado, sem desejarmos referir-nos aos grandes comprometidos da História, não podemos sopitar referências a alguns deles, como Cláudio e Messalina que, não obstante a posição relevante à cabeça do Império Romano, se entregavam à exaustão dos sentidos, culminando pela alucinação do desejo infrene e da degeneração mental; Justiniano e Teodora, esta última uma atriz arrancada do bordel para o primeiro ponto de destaque da comunidade, exercendo lamentável influência, inclusive na Religião. .. Mais recentemente Pau li na Bonaparte que, tendo o irmão à frente do Império Francês, se entregou à volúpia insana do prazer até o total aniquilamento das forças. . . E quantos outros?!...

Seria difícil eleger os grandes prevaricadores e as atormentadas da

contemporaneidade. É verdade, que a mulher que envileceu os sentimentos, no rebaixamento da sexualidade, e que brilha, despertando inveja, provocando ciúmes, é, no íntimo, uma infeliz, vitimada em si mesma. Espírito sofrido, que foi ludibriado nos seus sentimentos mais profundos, jornadeia nas luzes enganosas da glória, que logo se apagam, sem contar com um braço amigo que lhe conceda dignidade e apoio quando as carnes trôpegas perderem o momentâneo viço, e o fulgor dos olhos apagar a sua luminosidade. Poderá estar ajaezada e adereçada de gemas de alto custo, todavia sempre experimenta o travo profundo da soledade e o ácido tormentoso de transitar sem amor. Se lhe veio das carnes um filho, órfão de pai vivo, terá que segurá-lo em transe de dor num misto de mágoa, amor e agonia profunda quão devastadora. Se derrapa na miséria econômica, que muitas vezes precede ou sucede à moral, passa combatida, com a ferida aberta do sentimento ultrajado onde o veneno da insensatez humana aumenta cada vez mais a pústula, tornando-a mais dolorosa. Ninguém delaseapia- da. Desculpam o cômpar que contribuiu para a sua queda, mas não a ela que tombou. Em verdade poucos lembram de que a sua queda se consumou porque uma mão anônima e acovardada empurrou-a pela escada abaixo da dignidade, permanecendo santa, na própria vergonha.

Os vícios, que são frutos dos distúrbios da emotividade, da insegurança e das ambições desnorteadoras deste século de misérias e de glórias, de despudor e de renúncias, objetivam o saciar do egoísmo na sua multiface de paixões.

Não vos deixeis enredar nas malhas bem entretecidas das ações destrutivas dos vícios, por mais simples que vos pareçam!

A barragem poderosa que sustém as águas arrebenta-se, quando uma pequena infiltração lhe mina as resistências. As pirâmides colossais levantaram-se pedra sobre pedra. A escada da degradação dos costumes começa no primeiro passo para baixo e não encontra fundo, porque quem cai moralmente e se deixa *derruir* tomba sempre um degrau a mais.

Detende vosso passo e erguei vosso sentimento!

O melhor conselheiro do ser é a consciência tranquila.

Inutilmente procurar-se-ão psicoterapeutas, analistas, medicações se não se erradicarem *do sentimento* profundo as marcas dos crimes perpetrados contra a consciência pessoal ou coletiva.

Analisai o Evangelho, comprometendo-vos com ele e, livres como sois, não useis da vossa licença para destruir a oportunidade da atual reencarnação.

O Apóstolo Paulo gritava com emoção que era escravo do Cristo; João da Cruz, o místico espanhol, entregando-se totalmente ao Mestre Galileu, tornou-se o protótipo do senhor de si mesmo e Tereza de Ávila, que com ele compartia as excelências espirituais, escreveu emocionada: "Me muero, por que non muero", a sofrer, porque não morrer para ela constituía verdadeiramente uma forma de morte.

O homem que encontra Jesus e que O segue rompe a grilheta que o ata aos vícios dissolventes, estes que infelicitam o coração.

Avançar com o espírito estóico no rumo da felicidade íntima, através da retidão do caráter e da preservação dos costumes, é a diretriz que vos chega, com o objetivo de edificardes, no mundo, uma humanidade melhor, onde todos encontraremos a verdadeira paz hoje ou amanhã.

Infortúnios e infortúnios

Quando um insucesso qualquer vos chega de ino- pino, ou uma circunstância inesperada proporciona desencontros materiais, ou a ocorrência de um fato de aparência danosa toma corpo, dizeis que estais sob a injunção do infortúnio.

O infortúnio ou desgraça que visita periodicamente as pessoas, em verdade merece profundas reflexões.

Do ponto de vista utilitarista, o infortúnio se constitui da perda de uma pessoa querida, arrebatada pela morte inesperada; do prejuízo de algumas miseráveis moedas, no jogo arbitrário das ambições; da ausência da jsaúde, cedendo lugar a limitações orgânicas ou psíquicas; das metas que se perseguiam e que não foram alcançadas; dos resultados negativos, na programação estabelecida pelas paixões que governam os sentidos humanos; do triunfo que se recusa aureolar de glórias o lutador...

Em verdade, legitimamente, todas essas ocorrências são fortunas para quem delas saiba tirar o melhor proveito.

Utilitarista, o homem apega-se às injunções de ordem material, gravitando com desesperação em torno do que denomina segurança, promoção, destaque e que pode, de um momento para outro, significar-lhe ruína, incerteza, escravidão. Todavia, apraz-lhe considerar a vida tão somente do ponto de vista material, transitório, que fina na morte. Sob esta angulação, o infortúnio campeia desassombradamente, sem permitir àqueles que inecessariamente lhe tombam nas malhas uma consideração capaz de os arrancar do estado letárgico ou de rebelião que se sucede aos insucessos, facultando-lhe o fruir da verdadeira felicidade.

Diz-se que é um infortúnio o trabalhar de sol a sol por algumas moedas que facultam o pão cotidiano, mas, não passa pela cabeça do analista a colocação de desafortunado ser aquele que explora o próximo, concedendo- lhe salários miseráveis a troco da exaustão das suas forças.

Afirma-se que os pais são desventurados, porque enfrentam a ingratidão dos filhos, sem ter-se em conta que a verdadeira desgraça é exatamente o desrespeito dos filhos aos pais.

Constitui verdadeira tragédia o ver-se a traição e a pessoa enganada sofrer o desagradecimento de a quem beneficiou, sendo obrigada a beber até às fezes a taça da amargura, sem que se ponha de relevo que, desgraçado, é o traidor que

retribui com ácido a água cristalina que sorveu com os lábios da ansiedade.

Tem-se em conta de infeliz aquele que luta e não recebe o reconhecimento do grupo a que oferece os seus melhores esforços. Sem embargo, a verdadeira desdita é a daqueles que não sabem reconhecer o sacrifício dos que se extenuam pela dignificação do gênero humano.

Infortúnio, verdadeiramente, é a posse ilícita de bens que trazem o veneno do ódio das suas vítimas espoliadas; a incerteza em torno do comportamento moral diante das injunções variadas da existência planetária; a exploração consciente ou inconsciente geradora de muitos males que carcomem a criatura humana por dentro; o gesto que se levanta para maldizer a quem um dia lhe concedeu guarida; o abandono por parte de um amigo, quando se necessita de proteção e de apoio, na hora da pobreza e da fragilidade...

Infortúnio é a usurpação, a queda moral, o comprometimento do alheio destino, nunca a situação de quem jaz experimentando os padecimentos purificadores.

Infortunado foi Herodes, desgraçado se tornou Caifás, desditoso fez-se Anás e Pi latos, pusilânime, diante do Justo que, no conceito do mundo, experimentou um julgamento arbitrário e apaixonado para ser levado à cruz ignóbil, enquanto os transitórios fanfarrões desfrutavam de uma glória que passou muito breve. ..

Infortúnio foi o de Judas, enganando-se a si mesmo, de cujo engano se reabilitou somente depois de um milênio de dores acerbas, colocadas sobre a própria consciência.

Infortúnio teve Pedro, quando lhe faltou o valor moral para pôr-se ao lado do seu Amigo, somente encontrando reabilitação quando lhe deu a vida em troca do momento de desdita em que fracassou...

Infortúnio é a ingratidão do homem, até hoje, em relação a Jesus que o ama e o aguarda paciente.

A História exibe os *infortunados* de um dia — dignos obreiros do bem e do amor — como heróis dos séculos sucessivos e olvida os que mergulharam no infortúnio silencioso e oculto da sua própria insânia, nos corredores sombrios da alucinação, pelo remorso tardio, destruidor, que os galvaniza em inomináveis situações de vergonha.

O sofrimento são as mãos diligentes da vida plasmando beleza e harmonia. O barro desprezado, porque imundo na sua umidade pegajosa, diante das mãos do oleiro e das labaredas da fornalha, se converte em utilidade preciosa. A pedra bruta, rasgada na sua intimidade pelas mãos do artista, se transforma na esplêndida estátua. A água contaminada, sofrendo os filtros por onde é obrigada a atravessar, converte-se em linfa potável para a manutenção da vida. A planta altaneira que deseja sobreviver à ventania, curva-se para que as garras da tempestade passem, enrijando-lhe o cerne, a fim de recuperar a postura e oferecer segurança, proteção aos transeuntes necessitados.

Dor é bênção de Deus! Não vòs creiais desafortunados, porque as vossas paixões

imediatas não sejam atendidas. Legitimamente, vitória, canta aquele que silencia na humildade para que a presunção brilhe, fátua, por alguns minutos e se apague na sepultura, logo depois.

Felicidade, acima de tudo, para quem crê em Jesus, é o espírito de abnegação, a inteireza nos resgates necessários, que são imprescindíveis para a evolução, o atritar das arestas para o bu ri lamento da face íntima do ser, a ufania estóica com que enfrenta os aparentes insucessos, para deles retirar as proveitosas lições do progresso pessoal e coletivo.

Crede que, desventurados, indubitavelmente, são os ingratos, os reveis, os astutos, os ambiciosos porque o seu tormento não tem termo, na conjuntura que abraçam. Vós outros, que vos distendeis nas rodas destruidoras do sofrimento regenerador, bendizei a oportunidade de ressarcir os vossos débitos perante a Consciência Cósmica e tende em mente Jesus, o condenado sem culpa, que vos deve constituir o exemplo superior e legítimo, de herói, o vencedor, que, para o triunfo, não submeteu ninguém a seus pés, tornando-os vencidos, antes alçou-os todos à ventura do Seu amor.

Chamados e escolhidos

Nunca foi tão oportuno o enunciado de Jesus Cristo, a respeito dos "muitos chamados e poucos escolhidos'

Nem mesmo nos tempos apostólicos, quando as paixões galvanizavam os espíritos humanos, em Roma, o impositivo da submissão natural dos eleitos se fez com tanta atualidade como em nossos dias. 0 aviltamento moral do crepúsculo romano encontrava-se adstrito às classes privilegiadas e à ralé. O homem da chamada mediana posição social podia-se permitir a manutenção do equilíbrio, fascinando-se com sinceridade por Jesus. Tanto assim, que no período do martirológio, enquanto ardiam as fogueiras, mais exuberante se fazia o sentimento da cristianidade.

Hoje, em face dos frutos tecnológicos não amadurecidos, a proposição de Jesus goza de uma atualidade es- tuante.

O homem do mundo, que dos interesses do mundo recolhe seus frutos imediatos, não pode compreender, na profundidade da sua significação, o apelo do Rei Solar incitando-o à abnegação e ao sacrifício.

Exercendo o utilitarismo como medida de natureza materialista, mesmo quando se refugiando numa religião, espera acomodar as determinações divinas às imposições humanas; anela pelo reino do céu, sem renunciar às paixões terrenas.

A conceituação da vitória pela humildade, do triunfo pela renúncia, da saúde pelo sacrifício apresenta-se de forma anárquica, consequentemente, sem embasamento .

para firmar seus propósitos de grandeza.

Socialmente educado para vencer, não para vencer- se, emulado para triunfar sobre os outros, não edificado para triunfar sobre si mesmo, o homem moderno, que não lampeja o entendimento espiritual de profundidade, enriquece-se de ilusões e não as permuta sequer pelas aquisições legítimas que o podem preencher de vida.

Ante o convite do Mestre, fascina-se agora e deserta logo, suas ansiedades e sentimentos não são atendidos ou as exigências da sua razão não são aclaradas. Aturdido, golpeia o ar, terminando por golpear-se a si mesmo, neste afã de abarcar tudo e abraçar nada aos acenos das posições relevantes, das situações de destaque, dos estados parasitários, do prazer, enquanto a voz do Cristo prossegue:

"Muitos chamados, poucos escolhidos".

Muitos são chamados porque o Verbo Divino é uma semente de luz que se esparze por todo o mundo consciente da criatura humana, o que quer dizer que todo aquele que pode discernir, compreende que vive num intercâmbio entre mundos de vibrações que se condensam e se dissociam: a energética e a material, consequentemente, sabendo que, ao desconectarem-se as vibrações orgânicas, retorna ao primado de energia pura. Inevitavelmente, vê-se impelido à conceituação espiritualista e, neste sentido, ao entendimento de que, sobrevivendo à sepultura, se defrontará com a consciência, apelando para o procedimento do seu existir. Justo, portanto, que esteja convidado, chamado para o ministério da própria felicidade e da elevação do mundo onde foi colocado para crescer. Sem embargo, prefere o refúgio do escafandro carnal, demorando-se propositalmente nos estágios inferiores da sensação sem utilizar a força precisa para atingir a esfera da razão e alcançar a plenitude do estado angélico.

"Poucos escolhidos" porque, naturalmente, o homem-sensação, encharcando-se dos fluidos materiais, somente com muito sacrifício consegue liberar-se deles. ..

Na permuta dos valores humanos, as aquisições imediatistas têm preferência e constitui verdadeira loucura como a Paulo disse Festo que "o muito saber o havia *enlouquecido*cambiar o gozo de agora, embora trêfego • e célere, pelo demorado prazer de amanhã, mas que só chegará depois, o que, *às* vezes, o cinismo diz: "se chegar!", mas que, indubitavelmente, chegará.

Constitui um ato de loucura renunciar à disputa em que se engalfinham os indivíduos peia aquisição dos seus propósitos apaixonados, a benefício do seu próximo, para lograr a sensação de paz interior. Constitui loucura abraçar o ideal de natureza metafísica sem intoxicar-se pelos condicionamentos humanos, violentos, arrazadores da própria psicosfera terrestre.

O cristão decidido não se engaja na acomodação, no individualismo que caracteriza as personalidades esqui- zóides, nos roteiros incertos, nos comboios da insensatez.

Não vos deixeis, portanto, seduzir pelas reações que rebaixam e entenebrecem o homem, levando-o de volta à condição animal primitiva.

£ verdade, que perseverar no bem, na lisura, ignorar o mal que se faça contra nós, pode parecer idiotia e loucura. Todavia, de "louco" foi chamado Jesus, por excelência o "idiota dos séculos", e quantos 0 seguiram com fidelidade, não escaparam ao mesmo epíteto através do suceder dos evos.

Para ser "escolhido" é necessário ver o mal e ignorá-lo, ver os maus e salvá-los; atender à necessidade imediata do coração aturdido e não colocar espinhos nos sentimentos avassalados; distender generosas mãos de paciência ao que ultraja, sem colocar nas feridas do sentimento ultrajado borra, cinza, cal ou ácido com que mais se lhe abrem as pústulas, tornando-as, irreversivelmente, incura- das; depor as armas da agressividade e abrir-se verdadeiramente ao amor — eis como fazer-se escolhido.

Tentame de titãs, hercúleo esforço este que se exige para fruir da escolha divina.

Sem dúvida as tarefas insignificantes são para as pessoas de pequeno coturno; os labores irrelevantes para os frívolos e irresponsáveis. Para os homens que anelam pelas cumeadas da montanha do progresso são as íngremes estradas a vencer, as matas fechadas a derrubar, os pélagos vorazes do oceano a transpor, os pântanos a vadear e os rios caudalosos a conquistar a fim de serem escolhidos.

São João Crisóstomo, estudando o problema dos *convidados* e dos *escolhidos,* reportava-se à história bíblica candente da palavra de Jeová, que apontava nas várias cidades de Israel os homens que eram justos. Justos, no sentido de fidelidade aos ideais, no báratro tormentoso das humanas paixões. Isaías acentuava que eram poucos os justos que ele havia conhecido durante toda a sua vida. Sabemos que o Senhor não deseja a salvação apenas dos justos e, consequentemente, condenação do pecador. Sua vida é um invite àqueles que mergulharam no pecado, no paul da própria degradação. Atender aos pecadores e*soer- guê-los do caos em que padecem, eis o impositivo primeiro para tornar-se eleito; noutras palavras, encetar tarefas que não são habituais, desafiadoras, verdadeiramente ci- clópicas.

0 Cristianismo não se fez pelos muitos homens que nele passaram, mas pelos homens que se engrandeceram dentro dele.

0 ideal da verdade mede-se pela dimensão do sacrifício de quem se empolga com ele.

Tende, portanto, em vossas mentes, que vos não deveis deixar doutrinar pelo alarido dos convidados, precatando-vos para serdes escolhidos.

Censurai vossa boca para que ela não se vos torne a chibata do próprio desequilíbrio; vigiai o coração, porque dele procedem as verdadeiras nascentes da vida; atentai para as atitudes que possam construir grilhões, vinculando-vos â retaguarda, atraindo-vos a refazer o caminho; tende o amor em todos os

momentos, quando desafiadò à contenda, à agressividade, ao desequilíbrio. . .

Claro que se não constitui uma tarefa de fácil realização, e se o fora, não seria digna dos resultados que lhe estão reservados.

Agostinho teve a coragem de renunciar à posição elevada do Mazdeísmo idólatra, como seguidor de Zoroas- tro, para entregar-se a Jesus, depois de ouvir Ambrósio falar das renúncias, do espírito de abnegação e devotamen- to total, constituindo-se esse mesmo Agostinho, mais tarde, o embaixador do Mundo Espiritual para a recristiani- zação da humanidade, na revelação da Doutrina Espírita nesta hora difícil que se vive no planeta terrestre.

Chamados e escolhidos! Que sois chamados, não há porque duvidar. Para serdes escolhidos, o desafio do Senhor está dentro de vós, clamando e conclamando-vos a este estóico proceder. Assim, na relevante posição em que vos empenhais tende senso, mantende a atenção, contende a paixão, prosseguindo a trocar os valores perecíveis pelas conquistas imperecíveis, permutando o que constitui tesouro transitório que fica e que passa de mãos, pelos laureis que permanecem e que não morrem nunca mais. As fortunas de paz, de saúde interior que não podem ser roubadas, nem roídas, nem desaparecem — eis os tesouros insuperáveis de uma consciência escolhida para o mundo de belezas espirituais que vos aguarda.

Panegírico do conhecimento

A teimosia da ignorância — remanescente das experiências nas faixas inferiores do progresso da evolução — é dos mais vigorosos obstáculos a ser transposto por aqueles que se afadigam pela operosa atividade do bem, na Terra. Porque gerada na brutalidade do instinto que não discerne, é acomodada e recalcitrante, reacionária aos-processos de transformação das estruturas, de modo a poupar-se esforços por conciliação com as mínimas necessidades a que se fixa.

Antídoto valioso, o conhecimento constitui-lhe o impulso de crescimento, a mola que a expulsa, abrindo as percepções para a liberdade que facilita os horizontes amplos a conquistar.

Onde medra a luz do saber legítimo aí não vicejam a agressão nem o ciúme, a corrupção nem o desespero.

O conhecimento da verdade desmonta as armaduras da insensatez, ao mesmo tempo fomentando o ideal de elevação.

A Átila, açu lado pela paixão da guerra, a Gêngis Cão, sedento de glórias bélicas, faltaram as claridades da sabedoria, que. os libertariam das expressões primitivas, canalizando suas forças para arregimentarem os povos escravos, oferecendo-lhes mais amplo relacionamento fraternal, gerador do progresso e da felicidade.

Afirma-se, no entanto, em atitude sofista, que os maiores criminosos da História, que provocaram guerras lamentáveis, eram dotados do conhecimento de que se utilizavam para destruir e submeter as vítimas com sadismo selvagem.

A colocação, no entanto, não procede, já que tais promotores das desditas coletivas aferravam-se ao conhecimento intelectual sem qualquer vivência emocional do seu conteúdo. Portadores de personalidades esquizóides, ou infelizmente subjugados por mentes atormentadas que os telecomandavam do além-túmulo, entregavam-se aos macabros devaneios da dominação absurda, extrapolando da cultura em que se poderiam edificar para a ceifa de vidas, numa loucura auto-aniquilante...

Quando nos referimos ao conhecimento, aludimos às experiências da educação em profundidade, num complexo de saber e agir com ordem e amor.

O conhecimento sem a vigência do amor ensoberbece e alucina.

O homem que sabe, mas que se não deixa dulcifi- car pela aspiração do bem e do belo — expressões do amor ideal — termina por transformar-se em sicário dos outros e chacal de si mesmo...

O conhecimento, do nosso ponto de vista, tem amplitude abrangente, enfeixando a informação intelectual, a ação vivencial e a experiência evangélica numa tríade que se completa, harmônica, para os resultados otimistas da criatura que os cultiva.

Face a isto, torna-se carente o homem que coleta dados e informações, porém não se identifica com a mensagem fascinante de Jesus Cristo.

É certo que há exceções de homens que estão na história do pensamento e que se não identificaram diretamente com as lições do Cristo. Convém ressaltar, porém, que assim foram, porque eles próprios eram Emissários do Senhor ou discípulos desses, que preparavam a gleba para o Enviado Divino ou Lhe sucederam abrindo brechas mentais para que a meridiana luz da estrela de primeira grandeza, que é o Mestre Galileu, pudesse impregná-los em totalidade.

O conhecimento propele à reflexão quanto à humildade, em se considerando o entendimento da fragilidade e da pequenez do seu detentor, que se auto-ilumi- na, descobrindo-se na situação real.

O exercício da reflexão conduz, igualmente, à busca da ascensão pela prece, que se converte em estímulo a impulsionar para a superação dos limites e para o crescimento interior.

O retorno da oração faz que a alma lenida e inspirada, após a conquista do alto, mergulhe nas baixadas onde a dor reside, oferecendo braços de socorro e doando forças, aos combalidos que tombaram como aos calcetas que se desesperaram na alucinação, necessitando de ajuda.

Jesus, o sábio por excelência, veio ao paul dos homens a fim de erguê-los às luminíferas constelações, onde nos aguarda, magnânimo.

O conhecimento da verdade esbate as trevas da ignorância, corrige as arestas

da imperfeição, fortalece a fraqueza para que se alcance a meta a que todos se encontram destinados.

Vencei a ignorância atrabiliária e infeliz com o alfabeto, pondo nas letras as fulgurações do amor e da paciência, geratrizes do perdão e da caridade, que são as chaves para se decifrarem os enigmas da personalidade humana, nesta soberana arrancada da criatura que sai da treva da ignorância, fascinada pelos primeiros lampejos da luz da verdade que já consegue vislumbrar!

OS ANTÍPODAS: ORGULHO E HUMILDADE

A transitoriedade da vida na Terra, suas conjunturas temporais, a fragilidade do corpo cuja ação pode cessar por ínfimas razões, a dependência de mil fatores para a manutenção da maquinaria orgânica constituem motivo preponderante para que o homem cultive a humildade, em suas atitudes contínuas.

A precariedade dos valores e bens, dos títulos e dos dinheiros ante a enfermidade, a frustração, a saudade, a morte convidam à meditação e à vivência da humildade numa posição de harmonia perante a vida.

Somente as conquistas morais insculpem na alma os tesouros que a morte não consome e que não se perdem em hipótese nenhuma.

O orgulho, no entanto — herança temerária dos instintos agressivos, de que não se libertou a criatura —, trabalha o espírito, e asfixia-o, inexorável.

A arma que o orgulhoso aciona contra os outros é o guante que o liquida. Enquanto o orgulho vige na mente e no coração, enceguece e auto-valoriza a criatura, acionando os mecanismos nefandos do ódio, da vingança e do desprezo que vota a quantos não se lhe submetem ao ta- lante.

Metamorfoseia-se e camufla-se o orgulho, desaparecendo sob uma forma para ressurgir noutra, fundamentado na mesma paixão gerada pelo personalismo infeliz.

Não admite admoestação, não recebe diretrizes, não se submete nem se subordina.

Quando aceita uma sugestão, ocorre que ela vem ao encontro, favoravelmente, com os planos estabelecidos.

Remói as mágoas que vitaliza até o desforço do que considera um ultraje, por não atender às suas exigências.

O orgulho se considera credor de toda emulação, respeito e sacrifício, não obstante escuse-se a sacrificar-se por quem quer que seja. Injeta no homem o desculpismo e o torna falsa vítima onde se encontra, meio pelo qual se evade ao dever de responder pelas tarefas que lhe cumpre desenvolver e nega-se a fazê-lo. Isto se dá, porque o orgulhoso somente a si mesmo se serve e se ama, mesmo quando servindo e amando alguém. . .

O anticorpo moral para o orgulho é a humildade, que o desconecta e lhe desarma as tramas.

O orgulho prepotente do farisaísmo não logrou perturbar a humildade serena de Jesus. Embora entretecesse a urdidura para a tragédia da Cruz, não conseguiu diminuir a grandeza do Crucificado.

Tibério, poderoso e senhor do mundo, em cujo reino soberbo se deu a morte do Justo, não fugiu, alucinado como vivia e temeroso, à morte, que o nivelou aos soldados mais vulgares das suas legiões dominadoras.

Pilatos, que por orgulho O condenou e lavou as mãos do crime, não fugiu à loucura que o arrastou à rampa do suicídio, quando perdeu a posição de que desfrutava. A humildade do Cristo jamais se apagou na sua memória atordoada.

A humildade é sábia, enquanto o orgulho é astuto.A aquisição da humildade é fundamental para o equilíbrio emocional do homem, força que faz heróis e asa que ala a criatura aos horizontes da vida plena, em vôo de felicidade.

Há também, a falsa humildade, que é o orgulho dissimulado e medroso.

A autêntica comove; a outra desagrada.

. Ninguém, enquanto no corpo somático, se encontra indene ao aguilhão pestífero do orgulho, cujo contágio é imediato e destruidor.

Os impulsos produzidos pelos feixes nervosos, em automatismos fisiológicos, levam o homem a reagir — atitude de orgulho — ao invés de agir — experiência de sábia humildade.

Educado o homem socialmente ao embalo ilusório de mil orgulhos: os de raça, os de casta, os de posição, os da organização física e intelectual, recebe orientação errônea desde os primeiros passos, para o triunfo, que nãooutra coisa senão o relevo temporário, a qualquer preço que seja; ao poder, de que se deve valer para atender aos caprichos inferiores; à posse, mesmo que, arbitrária; à glória passageira, mas embriagadora, tornando-se vítima dos sucedâneos orgulhosos: da sociedade, dos pais, dos amigos, e faz-se tombar nas tramas da própria presunção.. .

Exercendo uma vã filosofia utilitarista de que o dinheiro e o poder tudo adquirem, envenena-se e envenena, em consequência, os que lhe padecem a compulsão desregrada.

Lamentavelmente, para eles também chega o momento em que insuspeitados testemunhos e inesperadas afeições lhe chegam indomáveis, de cuja injunção não se podem furtar, por impositivo da própria evolução.

Olvidam-se, na jactância que os entorpece e anestesia a razão, de que o Universo não se lhes submete, marchando ao impositivo da sua vontade caprichosa.

Outrossim, não levam em conta que a marcha inevitável do tempo, do qual ninguém se evade, modifica- lhes as formas juvenis, aturde-lhes o raciocínio, caso a morte não os arrebate antes, levando-os para outra realidade, donde não se podem libertar, no jugo das dores que os surpreendem sem meio de evasão.

Orgulho e humildade!

O orgulhoso, mesmo triunfando é escravo; o humilde, embora na dificuldade, experimenta liberdade.

O orgulhoso pensa em dominar e jaz encarcerado nas paixões dissolventes; o humilde, apesar de dominado, não se encontra vencido.

O orgulhoso está sempre insatisfeito; o humilde, em.qualquer situação, se depara pleno.

O orgulho enlouquece, a humildade pacifica.

O orgulho degrada; a humildade santifica.

O bafio do orgulho intoxica a psicosfera onde se exterioriza. A humildade mimetiza, por espraiar-se, dulçu- rosa e abençoada.

Acautelai-vos do orgulho e poupai-vos dos orgulhosos.

Eles exaurem quantos os cercam, no tumulto permanente em que ardem. Ansiosos, ou parados, sequiosos de poder ou desprezando os poderosos são companhia infeliz, irritadiça, agressiva, apaixonada.

Quando não se sentem respeitados, desdenham; quando desamados, subestimam.

Tende humildade ante eles e fazei silêncio, porfiando nos deveres afáveis, nas realizações enobrecidas com ânimo forte!

A humildade fará de vós homens livres na Terra e Espíritos ditosos fora do corpo, a fim de poderdes amparar e conduzir os orgulhosos, que vos constituem hoje pesadelo e aflição.

Nascer de novo

O homem, que da vida somente recolhe amarguras e dissabores; que adiciona aos pesares que o oprimem, novas quotas de desaires; que não vê possibilidades de haurir êxito nos empreendimentos que desdobra com honradez; que defronta os empecilhos que se sucedem, em cada lugar onde labora; que se consome interiormente, sob labaredas de insopitáveis aflições; que arrostá as consequências da luta sob cargas extenuantes de incompreensões; que recolhe calhaus onde semeia trigo e carantonhas no lugar em que esparge esperanças; que se atenaza com lapuzes, que os achincalham e espezinham, impiedosos; que se exaure no labor de sol-a-sol sem conseguir repouso ou acalentar auspiciosa perspectiva de êxito, se da reen- carnação ou vidas sucessivas não tem conhecimento cairá, inerme, no desespero agressivo e violento ou na depressão que leva à loucura ou ap suicídio inditoso.

A irrepreensível Justiça de Deus não cometeria, com o homem, tão nefanda programação: a de uma única existência corporal, pois que seria irreconciliável com o soberano amor de que se constitui.

Diante da beleza física de um Lorde Byron e filosófica de Platão;

confrontando-se o estoicismo de Marco Aurélio com a venalidade de Cômodo, seu filho; obser- vando-se a harmonia de linhas de Petrônio e as deformidades de Quasímodo; comparando-se os esforços de Sêne- ca no resultado da educação que Nero hauriu e tão infelizmente aplicou; detendo-se nas limitações do Hotentote e nas luzes da cerebração de um Leonardo da Vinci;com- parando-se os arabescos rupestres com as pinturas de Rafael e Ticiano; meditando-se na arte de Fídias, Praxíteles e Miguel Ângelo e os totens dos índios do Canadá; ante a grandeza das gigantescas figuras da ilha de Páscoa, das pirâmides do Egito, do Partenon e as habitações zambem- bes das favelas infectas da atualidade; pensando-se na genialidade de Leibnitz, de Einstein voltada para o progresso do homem e na brutalidade guerreira de Gengis Cão e Adolfo Hitler, constata-se que uma única vida não oferece suporte, do ponto de vista espiritual, para tão diversos caracteres físicos, mentais e morais, separando-os no processo histórico um imenso pego de experiências culturais, emocionais e intelectuais, que os tornaram distintos uns dos outros. ..

Não se pode admitir que o bruto e o anjo surgiram no mesmo instante, quanto o gênio e o selvagem, o santo e o déspota, o mártir e o verdugo, sem que se incida num conceito de amor díspar em torno da Divina Paternidade, que a uns dotaria de toda beleza, sabedoria, amor, e a outros relegaria à própria sorte, em sórdido abandono como em cruel deficiência, assinalados pelas arbitrárias manifestações do primitivismo, da ignorância e do desequilíbrio.

Ninguém objeta que a vida seja única, mediante a qual a fagulha indestrutível — o Espírito —, se reveste como se despe da roupagem física para progredir, armazenando conhecimentos e desenvolvendo os sentimentos de amor e de paz, que nele jazem embrionários, em razão da sua sublime procedência, que é o Pai Criador.

Gerado pelo incomparável amor, o princípio espiritual progride guindado ao fatalismo da perfeição relativa que o atrai, em infindos milênios de aprimoramento, pelos quais evolve no rumo da destinação de que se não furtará.

Aprendendo para ser feliz, atravessa os pélagos do processo evolutivo, mergulhando no corpo, dele saindo e retornando conforme as conquistas que logra para si mesmo.

Da mesma forma que a inexorável marcha do tempo modela as expressões brutas, no campo da matéria, as vidas sucessivas arrancam do selvagem o santo, como o escultor da pedra grosseira extrai a forma grácil e leve, das notas soltas o musicista elabora a melodia sinfônica e com as palavras sem nexo o poeta, o escritor, o orador compõem a ode, o canto, o drama, a comédia, o enredo e o discurso brilhante.

Programador do destino, não obstante o determinismo sábio das augustas Leis, sempre impelindo para o bem, o ser espiritual funde o metal das expressões primárias no fogo ardente das aspirações que lhe jazem inatas, quais centelhas que

se unirão num foco estelar, no futuro, plasmando realizações e atividades que o aguardarão no inevitável suceder dos dias numa ou noutra roupagem fisiológica por onde transitará, esculpindo as asas da ange- litude para os soberanos vôos que o alçarão acima do pó onde ainda rasteja ou do paul onde, por enquanto, se detém...

As tendências para o belo ou as impulsões prope- lentes para o crime; as aspirações do ideal de engrandecimento ou as contundentes fixações na pusilanimidade, na indiferença, na indolência; as atrações para as lutas relevantes da ciência e da cultura, da arte ou os fortes posicionamentos da arrogância, da violência, da brutalidade; os pendores para o heroísmo e a santificação ou o recalcitrar no vício, nas paixões anestesiantes; as expressões íntimas de encantamento ou as torpes depressões que amesquinham os sentimentos; a fidelidade até ao sacrifício mais extenuante ou a leviandade irresponsável mais insensata; o acendrado amor ao bem ou a truculenta aversão aos deveres; o arroubo pela verdade ou o prazer da mentira, são heranças de si mesmo que o Espírito recebe das suas fortunas pessoais transatas. . .

As limitações orgânicas ou as ágeis movimentações físicas; os implementos fisiológicos harmônicos ou as peças destrambelhadas da engrenagem carnal; os impulsos da genialidade ou as tormentosas detenções na imbecilidade, na perturbação mental; as inclinações pelo atingir e alcançar os valores éticos e filosóficos ou os complexos de culpa, de inferioridade, narcisismos e recalques têm a sua gênese nos legados que cada qual legitima por incorporação íntima na vida, procedentes da reencarna- ção anterior. . .

As enfermidades irreversíveis e a saúde invejável; os sucessos de qualquer ordem e os desastres financeiros, afetivos e sociais; os favores do equilíbrio e os infortúnios domésticos; o trânsito sem maiores injunções de dor e os acidentes de toda espécie são a colheita das ações que foram empreendidas e prosseguem o seu curso, embora noutro corpo, noutra etapa, sempre, porém, no mesmo ser espiritual. . .

Não se compraz o Genitor Celeste em promover o sofrimento, antes a felicidade.

Quando não se permite o ser mimetizar pelo ímã do progresso, é impulsionado pelo aguilhão do sofrimento, aprendendo o que se recusou quando se fazia mestre o amor.

Assim como a legislação humana não pune os descendentes pelos crimes perpetrados pelos seus ancestrais ninguém é herdeiro dos descalabros alheios, que deva ex- pungir nos eitos de sombra e desgraça. Ocorre, não raro, que este que ora sofre, numa família, é a reencarnação daquele que, outrora, na mesma família, se comprazia em impor aos outros os tormentos e as dores.

Espírito algum escapa e consciência, menos aos resgates a que se vincula por ocasião das dívidas que adquire.

O progresso espiritual faz-se lento apenas quando o candidado se resolve

estagiar na via de ascensão.

O senhor não deseja que ovelha alguma do seu rebanho se perca, no entanto, afirma que ninguém chegará ao reino dos Céus sem pagar a dívida toda, ceitil por ceitil.

A unicidade da vida é *tabula rasa,* em sucessivos corpos, não conforme a concepção de que o Espírito é criado no instante em que seu corpo se faz gerado.

Gravando nos tecidos sutis da alma os próprios atos que imprime com ou sem consciência, são eles os plasma- dores dos futuros renascimentos felizes ou desditosos, tornando a vida mais consentânea com a sublime justiça de Deus.

Pode-se renascer dos escombros morais, recapitular experiências, reformular ideias e conceitos, reviver no corpo mesmo, na viagem da vida; sem embargo, o "nascer de novo", referido por Jesus a Nicodemos, somente encontra confirmação e conteúdo lógico, no empreendimento reen- carnacionista, quando o candidato ao reino dos Céus mergulha no corpo físico para resgatar os erros, superar as más inclinações e sublimar as aspirações.

Este labor de renovação íntima e ascensão espiritual deve ser empreendido hoje e não mais tarde, agora e não depois.

Lutai, portanto, denodadamente, para crescerdes em espfrito, utilizando-vos com sabedoria do investimento que o Senhor vos concede — o corpo —, logrando, desde já, alcançar a vossa destinação gloriosa — o reino dos Céus.

Comentários sobre a presunção

A presunção, faceta negativa da estrutura espiritual do homem, é responsável pela queda de cristãos decididos ao apostolado da evolução.

Dissimuladora das mazelas de cada criatura, sabe disfarçar-se com mil expressivas formas, a fim de escusar- se à evolução, que lhe impõe sacrifícios e renúncias inadiáveis.

Aqui é o amor próprio ferido; acolá a vaidade violentada; de uma forma são os sentimentos que se dizem ultrajados; noutro aspecto as opções que não podem ser renunciadas a benefício de ninguém.

A presunção está sempre dilatando suas percepções no círculo em que medra.

Sendo a Doutrina de Jesus, por excelência a caridade, a presunção encontra meio de enfrentá-la, impedindo- se a realização dos objetivos magnos da edificação espiritual.

Se o cristão se faz trabalhador de uma Organização, ei-lo pretensioso, subestimando a tarefa, por acreditar-se merecedor de uma posição mais relevante.

Se colocado como patrão, converte-se em títere da governança transitória, usando da faculdade de dirigir para espezinhar.

Se esposo, coloca-se como verdugo doméstico, olvidado de que o matrimônio é um consórcio que impõe a necessidade de ambos marcharem para o meio.

Se esposa, fidalgamente instalada nos propalados "direitos da mulher", não se subordina aos impositivos do lar, derrapando nas frivolidades.

Se companheiro, carrega azedume e ácido para depor nas feridas dos que lhe chegam aos sentimentos combalidos, mas extremados pelo cansaço e pelos labores.*

Se convidado à obra do amor, a presença dos mendigos causa-lhe náuseas; dos ébrios, repulsa; dos loucos, pavor; as criancinhas em desvalimento não lhe merecem respeito, tachando-as de espíritos infelizes, endividados; se velhinhos na misérrima.condição de deperecimento de forças, estes recebem$_r$ na face, a bordoada acusadora de estarem colhendo o que semearam durante toda a vida; se enfermos, são tidos por calcetas; se rebeldes, são colocados na posição de repelentes que merecem a má sorte que desfrutam.

Há neles sempre uma açõsáção injustificável pronta a ser arrojada contra p prõ>cimò$_f$

A presunção, a si.própria se poupa. Sabe justificar- se a irritação e o desprezo, que supõe ps outros merecerem, por acreditar-.se superioré credora de úm respeito aos valores que legitimamente não põssui.

A presunção impéle o homem ao cultivo das paixões inferiores e a exalçar as tendências negativas que devem ser esmagadas.

Acautelai-vos da presunção! A humildade verdadeira não se pode afastar dos vossos sentimentos em qualquer posição que hajais sido colocados pela vida.

A humildade é possuidora da verdadeira caridade, sem o que, uma se faz trôpega e a outra carente de sustentação.

A perseverança na humildade dar-vos-á os laureis do sentimento opimo do amor, para que engrandeçais a ação da vossa caridade numa convivência gentil com os vossos irmãos, companheiros e familiares, numa exteriorização de bondade que se não deve apartar nunca de vós no trato com aqueles que o Cristo Jesus vos encaminha.

Diante do enfermo, tende a caridade da paciência e da compaixão; ao lado do órfão que tombou do ninho — seja qual for o motivo que não tendes o direito de cogitar, para daí ressaltar a mesquinhez da personalidade — doai o carinho maternal, a assistência paternal, a ternura fraternal a fim de minimizardes o seu passado delituoso e não para exalçardes as qualidades negativas que o tornarão de- linquente outra vez, já que a Providência Divina colocou-o diante de vós para impedir lances mais tristes e ex- cruciantes; se é alguém encanecido pela idade, envelhecido pelo suceder dos dias, ofertai o ensinamento de que a morte não o arrebatará antes do tempo e que todos passam pela quadra hibernal, quando não

desencarnam antes, não havendo nenhuma segurança para o corpo em torno das conjunturas que se devem enfrentar mais tarde; se se trata de um ser consumido pela obsessão do alcoolismo, dos entorpecentes ou qualquer outra, piedade e piedade, porque Jesus vos convocou para o ministério do socorro e não para que vos torneis invigilantes condutores, fiscais da consciência alheia, soldados da irresponsabilidade do próximo, sicários das imperfeições que transitam através de todos como experiências redentoras.

Não cedais guarida à presunção, discípulos de Jesus! Sede brandos e misericordiosos, porque a caridade, para se abrigar no pafs das almas humanas, necessita muito mais de doçura do que de acidez, de compreensão do que de rebeldia, e somente pela misericórdia com que julgardes e atenderdes ao vosso irmão é que recebereis a misericórdia do Senhor de nossas vidas, no sagrado tribunal da própria consciência.

Não vos escuseis de conviver com os sofredores. Visitai-os, ouvi-os, dialogai com eles e expulsareis a presunção das vossas almas. Nada mais frágil e enganoso do que o vapor que se condensa como carne, que passa muito rápido, deixando desperta a consciência arrependida e a razão amargurada, quandó não se age corretamente.

Dulcificai-vos no exercício da piedade e expulsai da vossa convivência os que vos inspirem a presunção bafio- sa, a violência selvagem e as atitudes arbitrárias, negativas.

Calai o erro alheio. Silenciai as ofensas, porque o mal é veneno em quem o cultiva.

Discípulos do Cristo, sede caridosos, infatigavelmente caridosos, para que a caridade de Deus vos premie com a paz que vos tornará eleitos, ditosos no reino de amor que buscais e que insistentemente trabalhais por im- plantá-lo nos vossos corações.

SACRIFÍCIOS

O Cristianismo é a pedra de toque, que rompe o arcabouço escuro da mentira para que fulgure a verdade lu- minífera. Toda a sua ação se dirige para a transformação moral do homem, arrancando-lhe das exterioridades a fulgurância que jaz interiormente. Não é um movimento isolado na história da humanidade, antes significa o mais audacioso de que se tem notícia através dos tempos. Medrando numa época de semibarbárie, é a sublime aliança da Divindade com a criatura humana, a fim de extrair o homem das paixões dissolventes e içá-lo à grandiosidade das nebulosas siderais.

Enquanto Israel jazia sob o látego e a grilheta do Império Romano, Jesus reformulou a conceituação idealista da vida, na base do amor, impossível de ser entendido em sua plenitude, na época.

O Cristianismo, ao inverso das doutrinas ancestrais, é a grande revolução que a Divindade propõe ao homem, a fim de mais fácil e rapidamente liberá-lo das injunções animais primitivas, que o galvanizam no erro e que o estiolam na longa hibernação dos prazeres materiais.

O pensamento mosaico, incerto na tradição do Tora antigo, oferecia ao povo de Israel uma primazia e privilégios que ferem o sentimento universalista da criatura humana. Jesus, não obstante não tivesse vindo para modificar a estrutura da Lei — compreenda-se que à do Decálogo e não às arbitrariedades sócio-políticas, enxertadas na história do povo hebreu com características religiosas —, propôs o amor como solução para os gravames da criatura humana e os problemas complexos do seu processo de evolução espiritual. A política religiosa do Estado impunha a política governamental em que tricas e urdiduras tornadas legais concitavam à desesperação, à belicosidade.

O Cristianismo, ao inverso dos privilégios concedidos a um povo em detrimento de outro, deu um caráter de generalidade ao ensino, dizendo que são irmãs todas as criaturas sem distinção de credo, de raça, de cor, de posição social. Enquanto vigiam as castas dominantes e as dominadas, Jesus fez-se uma ponte por onde transitam os mesmos sentimentos da ralé ou da nobreza, dos príncipes ou do poviléu, na direção de Deus.

A doutrina ancestral lecionava que o olho deveria ser cobrado pelo olho e a ofensa pela ofensa. Jesus, toda- vida, expôs que ao perdão se devem sacrificar os ressentimentos, ao olvido as mágoas, à ira a compreensão e, simultaneamente, convocou os estudiosos da formosa Boa Nova a substituírem a força pela persuasão, à força da persuasão do exemplo, para lograrem os objetivos que perseguiam. No mosaísmo predomina a violência e, enquanto o Cristianismo leciona a mansuetude, o orgulho de casta elege uns em detrimento de outros, embora a lição do Cristo assevere que a verdadeira grandeza da alma está na renúncia às posições de destaque transitório. Há, em toda a magnificente lição do Evangelho, um verdadeiro poema às coisas simples, à pobreza, à humildade e à renúncia. . . *Para* que se pudesse vincular em profundidade ao sentimento histórico do ser humano, tornou-se uma doutrina mais de exemplo do que de teorias. Tudo quanto Jesus desejou ensinar, exemplificou antes, Ele mesmo, mediante a eloquência soberana da lição pela vivência enão só pelas palavras. Aqueles que aderem ao Seu pensamento tornam-se mártires, heróis que já nascem feitos, graças à ardência das motivações que pulsam nas paisagens dos seus sentimentos, convidados adredemente pelo Governador da Terra para modificar-lhe as estruturas sociais e filosóficas.

O sacrifício constitui, no Cristianismo, o sinal de identidade entre a criatura e o lídimo ideal que abraça. Foi pelo testemunho do martirológio que a grandeza desta força ciclópica se insculpiu nas páginas serenas e ao mesmo tempo convulsionadas da história universal. Mesmo hoje, o Cristianismo ainda não perdeu

o impositivo do ideal sacrificial que devem manter os que se lhe vinculam, por uma necessidade de trocarem o fastio do século pela ardência da fé, da imortalidade.

"Quando os meus discípulos se calarem, as pedras falarão" — esclareceu Jesus, por compreender que a pusi- lanimidade humana teria ensejo, um dia, de aderir às questões circunstanciais da governança terrestre. Para que não jazessem no amontoado das ruínas douradas e dos capiteis formosos os seus ensinamentos, ou guardados em museus, em cofres abarrotados de gemas preciosas, colocou a única força, que nada receia e que ninguém pode domar: o sopro da inspiração imortalista, a voz dominadora do além-túmulo, que rompe com a maça da verdade os mausoléus de pedra, a fim de que ressurjam as labaredas crepitantes da verdade, a arderem nos recintos das mentiras tenebrosas, mantidas pela ignorância e pela prevaricação, humanas. Ainda aqui, neste renascer dos ideais cristãos, o sacrifício tem regime de urgência, porque foi no sacrifício dos mártires dos primeiros tempos que a semente do bem fecundou e a árvore generosa desdobrou galhadas para albergar a humildade, a fé e a caridade e para fazer que, contrapondo-se à dominação arbitrária do mundo, homens extraordinários como Vicente de Paulo, aos dezoito anos, organizasse uma Ordem Religiosa para sair a pregar a verdadeira fraternidade e a palavra de Deus. Recebido pelo rei de Nápoles com pompa e glorificação, ele não temeu censurar e reprochar a licenciosidade, conseguindo com o verbo flamívomo dos seus sentimentos elevados modificar a estrutura da corrupção e do crime vigentes na Itália. . .

Luiz Gonzaga, outrossim, com menos de vinte e três anos, chamado pela voz do Cristo Jesus, deu sua vida para atender aos pestosos, auxiliando os portadores de cólera quando a enfermidade dizimadora se espalhava em clamorosa vitória.

Espíritos estóicos levantaram-se em todas as épocas, para manterem viva a flama da revolução do Cristianismo e fazerem que o ideal do pensamento do Cristo não ficasse anestesiado, pelas pompas exteriores, ou obumbra-\ do, pelos privilégios concedidos por governos iludidos aos seus fieis trabalhadores que aderissem a reis e príncipes que transitavam pelo mundo na direção da morte.

Em toda a doutrina cristã nada de ritual ística, de cerimonial ou de favores existe: o Cristianismo deve superar a prisão das igrejas atendendo às massas humanas aflitas para as quais veio. O seu hálito vivificador renasce hoje no Espiritismo, conclamando o homem para ter, na igreja do Universo, o seu verdadeirç santuário e, na simplicidade, a ritual ística mais formosa pela vivência da caridade.

A tecnologia hodierna, aliada às ciências da informática, está mudando o conceito do sacrifício dos cristãos novos, que se amolentam no prazer, em desprestígio das austeridades que forjam os verdadeiros heróis e que fazem os lídimos ganhadores do reino dos céus.

A mecanização sistemática, o automatismo arbitrário vêm fazendo que o cristão novo se isole do exercício da solidariedade, da verdadeira fraternidade, matando

aseiva da caridade que, não obstante dispense as moedas, não pode perder o vigor, pela falta de vitalidade emocional, na participação das lides socorristas.

Estai atentos, porque o Cristianismo é a doutrina da ação de dentro para fora, da revolução interior para o exterior, do labor profícuo em favor da criatura humana, nossa irmã, situada em qualquer lugar em que se encontre. O conforto exagerado, a comodidade superlativa vêm fazendo que os cristãos se apresentem modorrentos, cansados, sem terem a dinâmica que tipificava os lidadores do passado.

Ponde sacrifício nas vossas ações. Colocai o esforço da vossa contribuição pessoal, o vosso suor, nas atividades evangélicas para que não a descaracterizem, dando a vossa contribuição pessoal intransferível, a dita dos vossos valores intrínsecos.

Quando soar o momento de abandonardes o casulo camal, levareis convosco não os títulos e objetos doados, mas os sentimentos que foram ofertados e as realizações que foram executadas a contributo da vossa paciência, mansuetude, misericórdia e compaixão em nome do divino amor de Nosso Pai.

O Cristianismo é a estrela nova que prossegue fulgurando nos céus dos tempos, para sorver a treva dominadora e fazer que um grande e duradouro dia se apresente em luz, a fulgir por todo o sempre.

Caracteriza-se o estado moral de um povo pelas uniões da sexualidade, que se fazem rápidas, em decadência,-ou demoradas, num processo de ascensão tipificando a emotividade que rege a convivência ética das criaturas.

Nesse sentido, o matrimônio tem papel preponderante na formação da comunidade.

A fé religiosa, por isso mesmo, tem a finalidade de fortalecer a união conjugal das criaturas, estabelecendo as linhaS diretivas do respeito mútuo sobre o qual se pode erigir a felicidade do clã, que é decorrência natural do tratamento que se permitem os nubentes.

O jogo apressado dos interesses materiais, a consonância política a benefício do imediatismo humano, o exorbitar das paixões da licenciosidade, a educação mal formada na mente juvenil, a troca dos interesses comezinhos constituém fatores preponderantes e perniciosos â verdadeira integração de duas criaturas no vínculo matrimonial.

Em consequência, o matrimônio deperece os laços do seu vigor, na razão direta em que diminuem os interesses mesquinhos imediatistas que fomentaram a união.Como é verdade que se hão devem algemar duas almas que se antipatizam, permanecendo inamistosas e con- sequentemente insatisfeitas conjugalmente, não se tem o direito de vincular pela licitude do matrimônio dois imaturos que se buscam exclusivamente pelo prazer da libido desordenada.

O matrimônio é um compromisso de alta responsabilidade, em que duas pessoas adultas, conscientes do vínculo que assumem, devem marchar em direção de uma

realidade inevitável, que é a família.

O abuso dos conceitos morais, que fazem encon- trar-se no matrimônio apenas a satisfação dos instintos, postergando-se a composição de um lar que implica, naturalmente, a vigência de filhos da própria carne ou por adoção, leva os nubentes a uma saturação recíproca e a um isolacionismo, que logo deterioram o relacionamento conjugal, fazendo que o matrimônio decline e degrade.

Indispensável construir uma consciência responsável por meio da educação moral, doméstica e social das criaturas, para que o matrimônio mereça pelo menos um pouco mais de respeito, antes de se assumir o compromisso, que logo, por leviandade, se dissolverá.

A grande vítima das uniões precipitadas, tornadas lícitas pela aposição de uma assinatura num documento da Lei e ilícitas, pelos fundamentos que sustentam, é a sociedade. E como a sociedade se constitui dos membros que se unem em torno do lar, a família, os filhos são os vitimados indefesos pela leviandade e precipitação dos adultos mal formados.

Apaixonados e ligeiros nos compromissos que assumem e que desfazem, raramente pensam nos filhos, antes cuidando de si mesmos, do que da prole, diante da qual têm uma responsabilidade muito alta, porque esta foi assumida perante a consciência divina.

A prole exige dos pais que se tolerem mutuamente, que se renunciem reciprocamente, que se sustentem, quando falte o amor, pelo menos na dignidade, a fim de plasmarem nessas mentes e vidas em formação o equilíbrio indispensável para enfrentar as vicissitudes naturais do caminho, as suas próprias problemáticas.

O matrimônio é instituição humana, indubitavelmente, porque escasseiam os valores morais para a eleição natural das criaturas que se devem unir, a fim de que se completem na troca de hormônios físicos e psíquicos, para a construção da família.

O cristão não se pode permitir, e o espírita em particular, as sensações ligeiras, as resoluções apressadas e a tomada de decisões, tendo em vista, apenas e exclusivamente, o gozo, o atender das paixões que logo passam, deixando o ressaibo da amargura, da frustração e do desencanto.

A lei de amor impõe que as criaturas se elejam, mas também exige que se respeitem, que se sustentem na dificuldade, que se apoiem reciprocamente, enquanto vige o vínculo da atração carnal ou quando este se dilui, sustentando-se na fraternidade, que deve, um dia, unir todas as criaturas como verdadeiros irmãos.

O matrimônio, portanto, é atestado inequívoco do estado emocional, social e espiritual de uma comunidade.

Quando a família cambaleia, a sociedade rui.

Quando o sexo é exercido sem responsabilidade, o matrimônio nada consegue

fazer, senão facilitar a exaustão dos sentidos e diluir, no deterioramento do respeito humano, a consideração que todos devemos ter uns pelos outros, facilitando o suporte da corrupção dos costumes, mediante a chamada manifestação do sexo *livre*, portanto, degenerado...

Jesus, em participando das bodas, em Caná, atestou a alta consideração que devotava à união de dois seres que se respeitam e que partem para a edificação da família, o grande alicerce da comunidade humana.

Panegírico da caridade

A Caridade, virtude por excelência, estrutura-se no amor sem o qual a seiva que a mantém depereceria e na fé, sem cuja força deixaria de lograr os cometimentos a que se propõe. Todavia, não dispensa a humildade legítima de cuja força haure a coragem para prosseguir, quando faltam os estímulos do entendimento e da fraternidade humana, entesourando lutas e coletando desaires...

O amor, no exercício da caridade, é o *é/an* que ata o servidor ao serviço, mantendo-o na perfeita compreensão do dever, ao sentir que a alheia é a sua dor e a do próximo é a sua necessidade, por cuja solução de dificuldades deve lutar, desde que a sua é a felicidade que vige em derredor do mundo que lhe constitui a esfera de ação.

Sem o amor que rege a vida, nenhum cometimento enobrecedor é passível de ser realizado.

A caridade, desse modo, pode ser considerada como o amor elevado que se expande a serviço da Vida.

Do mesmo modo, a fé religiosa é imprescindível no santificado labor da caridade. Quando a ação beneficente não se alicerça na fé religiosa, é útil, sem dúvida, e benemérita, todavia, é-lhe apenas uma expressão em forma de solidariedade e humanitarismo.

A fé religiosa põe a dose de sacrifício e de abnegação de que se nutre a caridade, dilatando as percepções em torno do Espírito, com que mais se engrandece, já que se alonga além das fronteiras materiais e se agiganta num roteiro iluminado à frente, convidativo, com perspectivas infinitas, transcendentais.

A fé religiosa é apoio e emulação para o trato com as dores e os problemas do próximo, tornando-se fator de preponderância para que o desencanto não se aninhe no coração nem o desespero, ante o volume do que se deve e nem sempre se pode fazer, encontre guarida na mente em excitação decorrente do serviço.

E a fé religiosa a fonte da esperança que emoldura a atitude caridosa e comanda os esforços de todo aquele que se empenha no desiderato, impelindo-o para o êxito, que é o coroamento da realização. Esse êxito, entretanto, não pode ser medido pelos resultados exteriores, mas, antes, pelo atingir o âmago dos

propósitos acalentados no socorro, na renovação do objeto perseguido.

A fé religiosa, na caridade, é a luz que clareia a senda por onde se marcha, da mesma forma retemperando o ânimo e sustentando-o sem termo ou limite.

A humildade, compreensivelmente, constitui elemento vital nas três virtudes que se interpenetram, de modo que a caridade se expanda e se exalce.

Graças a ela, o homem não se deixa impressionar pela facilidade ou pelo aplauso, nem se arreceia mediante a incompreensão, a agressividade, os problemas complexos da personalidade humana como das circunstâncias adversas que, invariavelmente, surgem e repontam em todo lugar.

A humildade dá as medidas justas da criatura em serviço, fazendo-a compreender que o bem que produz lhe é salutar mesmo antes que beneficie alguém.

Porque se reconheça um espírito em justo processo de resgate dos erros, em oportunidade de crescimento, valoriza o serviço sem auto-valorizar-se, honrando-se na grandeza do que produz, constituindo-lhe esse bem moeda-luz para a aquisição da claridade interior impreterível.

A humildade suaviza a senda por onde a caridade esparze as estrelas do seu ministério. Nem sempre, quase nunca é fácil a obra da caridade legítima, já que luta com as questões profundas e difíceis da vida, deixando à beneficência e ao socorro de emergência as questões de menor magnitude da tragédia humana, decorrentes do processo de evolução...

A caridade não escolhe serviços a executar nem se impõe. Atenta, enxerga além e mais profundamente através da couraça externa ou da aparência, logrando *contaminar* de bênçãos os lôbregos labirintos da miséria de qualquer natureza.

Distribui o pão, mas não deixa de atender com a ternura a fome de amizade e entendimento humano.

Oferta o medicamento, no entanto reparte a alegria de viver, recorrendo à técnica cristã, de se evitarem os múltiplos distúrbios que enfermam, nas raízes por onde medram.

Confere o agasalho, entretanto alberga na irrestrita confiança em Deus sob a qual o ser encontra amparo contínuo.

Doa a água e o leite, mas não olvida de conceder a "água-viva" que dessedenta para sempre...

Quando oferece a moeda, encaminha a oportunidade de elevação pelo trabalho que liberta das causas imediatas da pobreza econômica.

A caridade não promove ninguém, ao pódio ou e ribalta terrestre da glória mundana.

Deve ser promovida por quem a anela em quaisquer situações que se deparem.

A promoção que a caridade faculta são a luta, o de- votamento, a exaustão e o otimismo perene junto à aflição.

A caridade é o Cristo em ação nas ruas e tascas infectas do mundo.

Ele mesmo deu os melhores exemplos da atuação relevante e magnífica da caridade.

Jamais selecionou serviços de amor, desde a palavra de luz à convivência com as dificuldades e paradoxos humanos.

Limpou corpos leprosos e purulentos; abriu olhos, bocas e ouvidos fechados; movimentou membros parali- zados; renovou as paisagens mentais e morais dos atormentados do sexo como de outras paixões inferiores; liberou dos desequilíbrios psíquicos e obsessivos com a mesma natural nobreza com que se transfigurou no Tabor, diante dos *pais* da raça judia, seus ministros espirituais...

Submeteu-se a odioso julgamento, à insana perseguição, ao absurdo abandono dos amigos, à incompreensível impiedade dos homens até à cruz, lancetado e coroado de urze infeccionada, num ato de amor, de caridade para conosco.

Antes, porém, lavou os pés dos discípulos e osculou-os, ensinando a insuperável lição da humildade, passo essencial para a glória da caridade que logo mais lhe assinalaria a caminhada final pelas ásperas veredas do Orbe terrestre.

As suas condecorações se estamparam no ombro luxado e dilacerado, nos joelhos sangrados pelas quedas, nos suores abundantes, sanguinolentos, e na cabeça rudemente macerada pelos espinhos.

No alto da cruz, a sua excelsa caridade atingiu o clímax no momento do perdão indistinto que distribuiu para os algozes irresponsáveis e alucinados, entregando-se, em espírito, a Deus, a fim de voltar emoldurado pela madrugada, na ressurreição, em amor infinito e caridade es- plendente para com os desertores, os caídos e enganados, que prosseguem até hoje necessitando dEle.

Penetrai-vos da virtude da Caridade!

Não vos esqueçais nunca de Jesus, no ministério da caridade, nem reluteis pelo realizá-la ao defrontardes as condições adversas.

Ponde a caridade na mente a intumescer os vossos sentimentos e ela, como constelação luminífera, se espalhará peio vosso caminho, num infinito rumo de intérmina ventura!

Solução cristã

Disputando primazia, numa competição com os problemas econômicos que sempre afligem a criatura humana, os distúrbios de comportamento se apresentam vorazes, ceifando alegrias e empurrando suas vítimas na direção dos despenhadeiros da loucura e do suicídio.

Inspirados pelo egoísmo, ditos comportamentos desgovernam a mente e o sentimento, assinalando vitórias contínuas na sociedade hodierna, a prejuízo da paz e a serviço de graves males, que grassam, assustadores.

A pressa a que se atiram quase todos, perseguindo aquisições que se valorizam na balança das paixões inferiores, engendra alçapões perigosos, que prendem os

desa- visados, tornando-os a curto, a médio ou a longo prazo infelizes, malsinados.

Sem tempo para o armazenamento dos tesouros morais, que se encontram no culto dos deveres retamente cumpridos, as aspirações do imediato assumem prevalência na área das conquistas por lograr, logo mais perdendo a significação, portanto, frustrando os seus apaniguados.

Assim, as áreas da afetividade sofrem o impacto das influências funestas, no jogo das atrações físicas, que cedem lugar aos atritos, quando saciadas as momentâneas lubricidades.

Os casais, sem resistência moral para enfrentarem as dificuldades naturais no matrimônio, agridem-se e partem para experiências ainda mais infelizes, acumplician- do-se com as licenças perniciosas em que chafurdam e se afogam. . .

As ambições sintetizam-se na posse dos recursos endinheirados, de qualquer forma adquiridos, objetivando o gozo exacerbado, sob estímulos bem urdidos dos profissionais do sexo, do vício, da ilusão.. .

Em si mesmos atormentados, aqueles falsos *modelos* sucumbem, por sua vez, cada dia, na fúria das forças negativas que desencadeiam pela imprevidência e pela insatisfação.

O fomentar dos ódios, como efeito dos ciúmes, da inveja, das disputas injustificáveis, dá gênese a enfermidades complexas, que vão levando de roldão todos os que se descuram dos hábitos salutares e das disciplinas que equilibram a vida.

Instalam-se, por isso mesmo, neuroses, com as quais o homem ora convive, impossibilitado de minorá- las.

Têm curso psicoses de grave repercussão na comunidade que, a seu turno, definha nas resistências e compromissos em relação aos seus membros.

A agressividade irrompe, armando os seus fâmulos de violência animal primitiva, fazendo-os volver aos está- dos que já deveriam encontrar-se superados.

. Sequelas de tantos problemas se transformam em enfermidades orgânicas, que ceifam inumeráveis existências físicas, em holocaustos inúteis.

Acidentes de trânsito e outros que decorrem de construções e máquinas sem segurança, consequências da usura e da má fé, levam, em volume crescente, seres que se poderiam utilizar da ensancha bendita do corpo para progredir e conquistar a vitória sobre si mesmos.

O desencadeamento das vicissitudes e males que chibateiam a humanidade é, porém, resultado da própria inadvertência e precipitação do homem, descuidado das responsabilidades com que a Vida o honra, buscando dignificá-lo.

A falência da ética se constata na atual civilização, apresentando o saldo negativo da cultura mal encaminhada.

Apesar de toda a dolorosa face da realidade, cumpre a este homem sofrido reativar os valores adormecidos, iniciando as mudanças gerais através da própria

transformação interior, lutando com afinco pela perfeita integração no contexto para o qual foi criado: a fatalidade do Bem.

As soluções, no entanto, para todos os males que assolam a Terra e atormentam o homem são as cristãs, desde há dois mil anos apresentadas por Jesus e vividas pelos Seus discípulos.

Os ideais religiosos, sem limitações nem imposições apaixonadas, possuem o mister de despertar o homem para contemplar e fruir a vida na sua expressão mais alta e mais enobrecida.

Nesse sentido, o Espiritismo é a luz meridiana a penetrar as furnas do *eu,* onde jazem virgens as mais preciosas gemas de que se tem notícia, demorando-se sem utiíidade, ainda ignoradas.

Estabelecendo a finalidade e a significação do viver em si mesmo, demonstra a indestrutibilidade do princípio espiritual que evolve em cada etapa reencarnatória, cres-cendo em conquistas transcendentes e liberando-se das cargas pesadas que o imantam às faixas inferiores do processo evolutivo, por onde estagia no momento.

Não redundará inútil o intercâmbio dos Espíritos através da mediunidade cristã, advertindo e conclamando aos objetivos essenciais.

Dilatado o conceito da vida, numa dimensão que preexiste ao corpo e sobrevive à sua decomposição cadavérica, estimula ao trabalho de lapidação das arestas e ja-ças que lhe tisnam a beleza.

Por enquanto, a dor vem cumprindo a sua missão, produzindo rudes golpes, em oportunas tentativas de des- pertamento para as iniludíveis verdades.

Desmistifiçados os mistérios da morte, ressuma a continuação da vida numa comovedora ampliação de conquistas e de venturas que aguardam por ser alcançadas.

Ante esta aurora religiosa, que o Espiritismo colore na noite da atualidade, os destinos são trabalhados com o buril do entusiasmo na pedra bruta dos sentimentos empedernidos, que se dulcificam em programações ditosas, embora por vezes das injunções penosas.

Rolando incessantemente nas águas dos córregos e rios, as pedras ponteagudas se arredondam e se aperfeiçoam.

Nos altos fornos a argila faz-se porcelana e os minérios se diluem, tomando formas e utilidades imprevisíveis. . .

Sob a mão segura de Jesus-Cristo, apesar dos momentos difíceis que todos, ou quase a generalidade dos homens na Terra, ora vivem, o carro do progresso marcha abençoando a vida, dando oportunidade de crescimento e perfeição a quem os deseje e por eles se empenhe.

0 Cristianismo restaurado das mazelas que lhe impuseram as paixões humanas e os interesses subalternos produziram, cumprirá, dentro em breve, a finalidade a que se destina.

*

Homens fracos, armai-vos do vigor da fé e triunfareis!

Cuidai de meditar nas conjunturas que viveis e mudai as paisagens que se obscurecem sob nuvens escuras, pondo as claridades estelares do amor, da caridade, da esperança.

Hoje colheis; semeai melhor e tereis resultados felizes logo mais.

Sintonizai com o mundo estuante da Imortalidade e os Espíritos do Senhor vos tomarão, conduzindo-vos por antecipação aos abençoados Núcleos que vos esperam, despertando-vos, desde agora, o interesse pela luta que vos apressará a vitória e a paz permanentes.

PANEGÍRICO DA JUVENTUDE

A saciedade dos sentidos, na cornucópia dos prazeres, constitui uni dos mais aviltantes desrespeitos e vida, cuja precípua finalidade se baseia na aquisição de valores imperecíveis para o Espírito em crescimento.

Filho dileto do materialismo, o gozo das paixões físicas- amo lenta o caráter e gera dependências perniciosas, que se transformam em desgraças, espontaneamente colocadas sobre a cabeça, por quem lhe prefere o jugo.

O vigor, a força da juventude, a carne louçã, a pujança das formas são o fruto da vida humana, em marcha para o amadurecimento, o sabor e a completação do ciclo vital da *semente*, a fim de que prossiga repetindo a espécie.

A responsabilidade, que é um dos atributos da maturidade orgânica e moral do homem, ressalvadas as exceções, ensina corrto fruir-se o patrimônio da existência de forma justa e comedida, fortalecendo os valores intrínsecos com vistas à finalidade iniludível: a vida imortal!

O conceito utilitarista resulta da precipitação e imprevidência dos seus apaniguados, que vêem nas sensações fortes e exaurintes os únicos meios de prazer e ufania.

Viver a juventude não se pode adstringir ao limite de um período etário; antes, deve ampliar por várias faixas dos anos o estado jovial, de pulcridade, permanecendo vígil e tranquilo, sem entorpecimentos, nem desmandos que ressumem pessimismo ou desventura.

Os aficionados com alucinação receiam perder a oportunidade das forças em plenitude de desdobramento, estimulando-se e aos demais ao jogo embriagador das paixões comburentes, sob o olhar conivente dos que transitaram pelos mesmos rumos e, exaustos, invejam-nos, entre desmotivados a continuar a viver — porque no corpo situaram os móveis da vida e este se encontra gasto quanto cansado — e recordando os desatinos que já não podem repetir, suicidando-se, lentamente, pelo sorver da amargura que cultivam e da revolta em que se consomem.

Não se devem recear as pessoas que atravessaram as correntezas do rio da vida física, procurando-se ensinar com retidão e nobreza a preservação da juventude diante das gerações novas.

Sem assumir-se a postura desagradável e conselhei- ral de quem está indene à tentação ou de quem não se deixou contaminar, embora revelando melancolia e desconcerto emocionai, faz-se justo e oportuno motivara juventude, para as artes do bem e os valores próprios do período moço, quando mais fácil se torna a aquisição da cultura, o desenvolvimento das habilidades e aptidões inatas, estimulando-a aˆpreparação do futuro, donde retirará a colheita dos júbilos sem desesperos e da felicidade sem desencantos.

As motivações ao conhecimento e ao trabalho, ao esporte — e o mais eficiente desporto para o ser pode chamar-se exercício da caridade, no qual se desenvolvem todos os recursos que jazem inatos na criatura —, à meditação e à prece, conseguem encontrar guarida nos começantes da experiência humana, por constituir-lhes verdadeiros desafios, que se sentem estimulados a enfrentar.

A iniciação do jovem nos misteres da vida interior torna-se-lhe mais atraente do que nos investimentos das ferventes realizações extrínsecas.

Não contaminado, ainda, na atual conjuntura fisiológica, assimila os ensinamentos que melhor o sensibilizem, plasmando, então, o que se podem chamar *necessidades,* pela contingência de neles colocar os ideais, as ambições.

A vida interior, por atraente e desafiadora, repre- • senta um valioso campo a explorar, conquistando as *regiões* virgens do psiquismo, da paranormalidade *latentes.*

São Luiz Gonzaga, reflexionando sobre a juventude física, as ilusões do corpo, costumava interrogar: "Que me adianta isto para a eternidade? *(Quid hoc ad aeterni- tatem?"),* vivendo plenamente o mundo interior, com o qual se alegra ainda hoje e o fará por todo o sempre.

O benfeitor da juventude terrestre, São João Ber- chmans, jovem belga, que morreu aos vinte e três anos de idade, compreendeu essa realidade — a vida interior — e conquistou-a, procurando fazer com perfeição as mínimas coisas que lhe diziam respeito, aplicando todo o seu arrojo juvenil.

Damião de Veuster doou a sua pujança de jovem aos hansenianos da ilha solitária de Malokai.

Estanislau Kostka, no passado, doou-se à busca, e apesar de morrer com apenas dezoito anos, demonstrou o fervor da força de sua juventude aplicada na vida interior, que lhe prossegue dando frutos eternos.

Estes e muitos outros jovens que se tornaram santos pela abnegação e sacrifício, elegendo o martírio da ascensão e a glória da renúncia, são herdeiros naturais de João, o discípulo amado, que se integrou no espírito d mensagem de Jesus-Cristo desde o alvorecer da juventude exemplificando a fé até à idade provecta, quando par tiu. . .

Nas artes, na política, na filosofia, na investigação da ciência, *são* eles o vigor que impulsiona ao progresso, que promove as reformas, que ergue o lábaro dos ideais de segurança da Humanidade, todos abrasados peio entusiasmo de que são portadores, não contaminados *ainda* pela frustração, ou perturbados pelas mágoas, ou vencidos pelas dores.

Empurrados ao erro e à ambição argentária, ou â prepotência, ardem, enlouquecidos, incendiando as paixões vis e favorecendo a desordem, a que dão *início e* sustentam, tombando pela exaustão ou destruídos *pela* força da competição que enfrentam.

Para o lado que canalizam as forças, se transformam em heróis ou desventurados.

Juventude é oportunidade para a edificação e a sementeira que a vida oferece.

*

ô, vós que tendes os trajos orgânicos jovens — aproveitai-os com sabedoria!

A vereda juvenil é terra que não pode *ser repercor-* rida. Dado o passo adiante, o terreno *desaparece, sem* oportunidade de ser novamente conquistado.

Investi a vida noutras vidas, erguendo-as e ungindo- vos de amor.

Os santos e os heróis travaram as batalhas *que hoje* defrontais, antes de chegarem à vitória *sobre si* mesmos.

Fazei o vosso porvir, doando a Deus o vosso presente, no qual viceja a juventude.

EXORTAÇÃO DE AMOR

Cristãos da Terra!

Recebestes a luz da verdade. Não compactueis com as trevas da ignorância.

Aspirais as estrelas fulgentes do Cosmo. Não vos detenhais no paul das misérias humanas.

O réptil se adapta às injunções pantanosas e mesquinhas do seu meio ambiente. O querubim adeja nos mundos felizes, compondo um concerto de beleza à vida.

A chuva desce generosa dos céus e o regato arrebenta a dureza do granito, como a traduzir que a linfa abundante caindo das nuvens pode ser considerada como lágrimas da atmosfera e o córrego do rochedo como choro da pedra expressando vida.

Quem travou contato com a verdade, já não pode olhar para trás.

Cada compromisso negativo que firma, estabelece um elo vigoroso infeliz que o ata à retaguarda.

Os dias se sucedem, inelutavelmente.

O prazer ora fruído é possível amargura que se experimentará; o fruto cobiçado, que foi conseguido, não elimina a semente que o fará ressurgir depois, na condição de bênção ou desgraça no caminho. Já não vos é lícito co- nivir com as injunções exacerbantes ou perniciosas do mundo social turbulento em que viveis.

Comprometestes-vos a erguer uma nova humanidade, nas bases de homens sãos, espiritual e moralmente, que pautam a vida na doce rigidez do Evangelho de Jesus

Não vos permitais retrocessos.

Se alguém vos tenta, incitando-vos à queda, rechaçai. Se tentais alguém, para o corromper, que sejais rechaçados.

Este é um momento de magnitude para todos vós.

Indispensável que vos revistais do ânimo forte a fim de profligardes o erro e viverdes com retidão, para ensinardes o amor e não conspurcardes o vosso.

O que vos falta hoje é decorrência do que mereceis e o que tendes é empréstimo divino que vos será cobrado.

Vindes de um passado milenar e lamentável, e vos comprometestes antes do renascimento a ressarcir as dívidas, não através da abundância, mas por meio da escassez.

O que corrompe o homem são as facilidades, o que o dignifica, quando tem elevação moral, são as escassezes.

No meio das criaturas afivela-se a máscara da sociabilidade, porém se conhecem os verdadeiros homens, quando na solidão dos seus testemunhos. Por isso, a planície humana é feita de hipocrisia, onde os cadáveres se putrefazem, enquanto que a montanha de Deus é o lugar dos heróis, que a podem galgar em soledade e com sacrifício, refletindo no comportamento pessoal o que são, em verdade, longe dos aplausos ou das censuras triviais das paixões a nestesantes.
Teseu, o herói da Mitologia grega, logrou grande êxito ao vencer o Minotauro, o infeliz monstro de Creta, porque se impôs o dever de salvar a comunidade. Todavia, foi Ariadne quem lhe ofertou o fio que tecia, que lhe tomou possível sair do Labirinto e voltar e vida, ao mundo exterior...

Simbolicamente, consideremos o labirinto como sendo as reencarnações; o Minotauro, na condição das paixões e o fio de Ariadne como o amor de Deus que vige em todos nós, apontando-nos a saída dos problemas, na direção da claridade do mundo superior do espírito.

Porfiai! Vertei o pranto da amargura, mas não perturbeis a ninguém.

Não vos torneis "pedra de escândalo" no caminho do vosso irmão e considerai que o vosso sacrifício faz-se a "pedra angular" do templo da vossa e da felicidade alheia.

O cristão atinge um momento em que já não tem vida pessoal. A sua é a vida da comunidade, porque ele representa o ideal do Cristo a materializar-se na Terra.

Meditai! Momentos graves vive o homem da atualidade.

Armados como estais, com o conhecimento e a fé, com o amor e o trabalho não negligencieis com os vossos deveres espirituais.

Cada dia de triunfo soma-se às conquistas já logradas; cada dia de insucesso abre um abismo a vossa frente, facultando o possível fracasso.

Não tergiverseis! Sois vanguardeiros de uma nova era. E os heróis não se podem cingir com a clâmide da vitória, senão depois de terminada a batalha.

Não vos entristeçais quando a dor vos zurzir o íntimo da alma com os látegos das paixões antigas que trazeis em gérmen. Ou as vencereis ou elas vos vencerão. Hoje é o dia do êxito, ou então, só muito tarde.

Imperioso que a vossa decisão seja terminante, a fim de que possais usar da inspiração do Cristo de Deus, tornando-vos instrumento d Ele na obra da restauração da Terra.

Lutai, porque a luta, afinal, está estabelecida, consciente ou inconscientemente, na vida.

Em todo organismo há um universo em luta e conflito, entre os seres microorgânicos que o constituem e ali se entredevoram para estabelecerem o mecanismo da realidade objetiva.

Lutai tenazmente, até ao sacrifício que seja, ou mesmo, até à exaustão, contra os inimigos da Cruz, deixando-vos crucificar. . .

Não digais: Eu sou assim". Reencarnação é compromisso para melhorar, quanto razão e discernimento são dádivas de Deus, para não se ter justificativa para o erro.

Dificuldade é a condecoração que o erro pretérito impôs, para que se faça hoje o bem.

Soledade é disciplina para o exercício da fraternidade.

Não vos pedimos a sublimação dos instintos, porque sabemos que isto não se faz de um só golpe. Entretanto, rogamos que os domeis, porque os conduzindo, eles se vos submeterão; se cairdes na desventura de conduzidos por eles, tereis vergonha de vós mesmos, no momento do despertar, fugindo a buscar um corpo ultrajado, desventurado para ocultardes a consciência.

Aproveitai hoje o que tendes, porque cada momento que passa torna-se um instante mais próximo da libertação do corpo. . .

Cristãos da Terra!

Não vos pediríamos tal se não soubéssemos das conjunturas aflitivas em que vos encontrais, das viciações que tendes de suportar, das conivências com as tentações do mundo e das tentações que vos levam a experimentar no mundo.

Ponde-vos de pé, em definitivo, porquanto, sem decisão, estaríeis ludibriando-vos a vós mesmos, e arrojando- vos para um despertar muito doloroso que sabeis não ser compensador.

Só a verdade é gratificante, só o dever retamente cumprido é doador de paz.

Sabeis — vossa responsabilidade é muito maior. Conheceis a verdade, "a verdade vos libertará", se vos identificardes com ela.